

ELE FARIA TUDO
POR ELA...

Ás de OUROS

OPERAÇÃO BLACKJACK • VOL II

UM ROMANCE DE
LIS WEY





PERIGOSAS NACIONAIS

Ás de Ouro
Operação BlackJack – Livro II
LIS WEY
2019

PERIGOSAS ACHERON

Esta é uma obra registrada na Biblioteca Nacional e protegida pela Lei de Direitos Autorais.

Todos os direitos são reservados à autora e é expressamente proibida sua reprodução total ou parcial.

Este livro tem conteúdo impróprio para menores de 18 anos.

Há menções pelo texto a *Analectos* de Confúcio, retirados da obra:

CONFÚCIO; CHANG, Caroline (trad.); LAU, D.C. (trad.). *Analectos*. Porto Alegre: LP&M, 2017.

Além de frases atribuídas a Buda, Dalai Lama e filósofos, todas retiradas do site

www.opensador.uol.com.br

PERIGOSAS NACIONAIS

Revisão: Mimeógrafo Consultoria

mimeografo@outlook.com

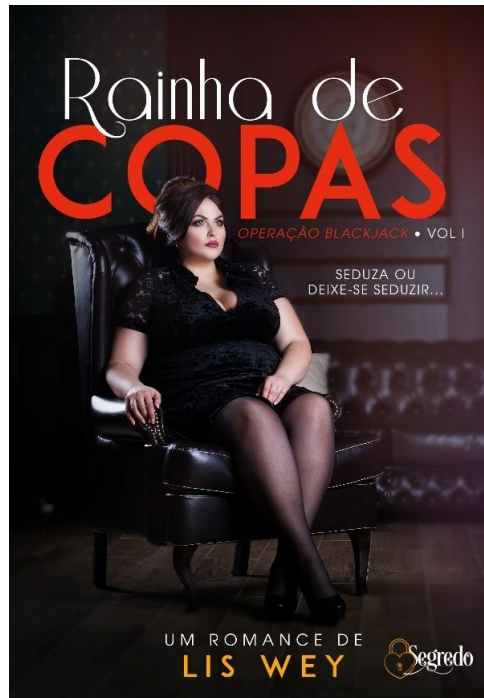
PERIGOSAS ACHERON

AGRADECIMENTOS

Às amigas Aline Damasceno e Jéssica Macedo,
também editoras, por todos os dias em que me
obrigaram a não desistir.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Ás de Ouros” é continuação de “Rainha de Copas” e fará mais sentido após a leitura deste.



PERIGOSAS ACHERON

Dedico este livro a todas que precisam ouvir *eu*
te amo.

Primeiro, amem a si mesmas.

*Jamais considereei minha ação e todo o meu
trabalho
senão simbolicamente
e me foi bastante indiferente saber se eu fazia
potes ou pratos.
Goethe*

*Os inimigos podem ser os nossos melhores
professores.
Dalai Lama*

SUMÁRIO

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

CAPÍTULO 1

Maio de 2000.

Havia algo de engraçado em zoar a Simone no colégio, que parecia resistir a tudo. Eu me esforçava para testar os seus limites; queria ver até onde ela iria, qual seria o ponto final para ela, o ponto de transformação. Queria ver se ela cederia alguma hora, se explodiria e, principalmente, *como* seria isso. Gritaria? Bateria em alguém? Quando aconteceria o seu *game over*?

Eu mesmo sofria pressões; ser o melhor, ser imbatível, ser perfeito... Eram pressões que Simone não sentia. Ela não seguia os padrões e estava bem com isso. Não importa o que a gente falasse. Ela ficava triste, derrubava algumas lágrimas e seguia em frente, respondendo como podia. Tudo para ela

era natural, desde a inteligência até o brilho dos olhos. Simone não parecia *conformada* com nada. Ela parecia feliz, genuinamente feliz.

Para mim, tudo era exigência; sempre as maiores notas, sempre os melhores resultados nas competições; sempre o destaque...

Fui criado em uma família de Tigroj, grupo tradicional de motoqueiros ingleses que se espalharam pelo mundo por volta dos anos 80. Meu pai, meus tios, meu avô... todos eram membros fundadores, reunidos no início dos anos 70 quando ainda moravam na Inglaterra. Por si, participar de um clube de motoqueiros não quer dizer muita coisa. Já ser Tigroj é bem diferente. Muito além de um grupo, eles eram a *minha* família, os meus irmãos, eram aqueles em quem eu confiava cada gota do sangue do meu corpo.

Ainda assim, havia um padrão de perfeição e eu quis provar para eles que eu seria o que bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entendesse. Mais de uma vez, com esse foco em mente, tirei notas baixas de propósito. Eles eram todos perfeitos enquanto eu queria ser, simplesmente, normal. Nestas vezes, os Tigroj se reuniam ao meu redor e disparavam frases sobre sucesso, prosperidade, união, vitórias... Cansado, eu acabava concordando em me esforçar.

Desde pequeno, filho de um campeão de motocross, fui ensinado a não mentir, não perder, não falhar, respeitar o próximo através de uma forma muito *específica*. Tínhamos que escrever e reescrever a doutrina Tigroj em um caderno universitário até entender o que queria dizer e *explicar* para eles — meu pai, meu avô, meus tios, os irmãos —, em uma espécie de intervenção. Eram frases retiradas de Confúcio, Dalai Lama e outros tantos pensadores de diferentes momentos históricos, ensinamentos específicos que regiam a vida de todos aqueles aceitos no grupo.

PERIGOSAS ACHERON

A prática da benevolência depende inteiramente da pessoa e não dos outros.

Não fazer o que é certo demonstra falta de coragem.

Com 13 anos, fui obrigado a escrever *o inimigo verdadeiro é mais valioso que um amigo falso* depois de brigar na escola. Esta frase ficou, desde então, costurada na minha retina. A partir daquele dia, nunca mais briguei por bobearias. Passei a respeitar meus inimigos como pessoas que tinham algo a acrescentar na minha vida.

Até que o Maurício, um colega de classe, resolveu discutir na porta da escola sobre apontar os defeitos, sobre julgar a importância da vida com base nas aparências, sobre responsabilidade das palavras e mais um monte de abobrinhas que, tenho certeza, retirou dos mesmos livros que eu era obrigado a estudar.

Meu pai, assim como o dele, foi chamado para
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conversar com a dona Claudia.

— Por que você brigou? — ele perguntou antes de entrar no gabinete da diretora.

— Ele provocou.

— Sem motivos?

Puxei o ar e olhei para o outro lado.

— Eu vou acreditar em você, meu filho — voltou a falar —, porque eu sei que não brigaria por nada. Por que você brigou?

— Ele decidiu encher o meu saco.

Meu pai franziu o cenho para mim.

— Você sabe o que a mentira faz, PC?

Uma mentira estraga mil verdades.

Fiz que sim com a cabeça.

— Então, eu quero a verdade — afirmou com seriedade.

Respondi entredentes:

— Estávamos conversando com uma colega, ele decidiu ficar irritadinho e...

PERIGOSAS ACHERON

— *Conversando com uma colega?* Sobre o quê?

Fiquei mudo. Eu sabia, como sempre soube, que meu pai jamais aprovaria qualquer tipo de zoação a outras pessoas. Ele notou que eu não responderia e apertou os olhos.

— O quê, Paulo César?

— Ela-ela é gorda e...

Percebi que ele trincou os dentes.

— E...? — rugiu.

— E a gente costuma *lembrar* a Baleia desse...

— me interrompi quando percebi que estava piorando as coisas.

— Você colocou um *apodo* na menina?

Aquela palavra, que eu sequer sabia o significado, foi a minha condenação.

Ser coerente com as próprias palavras é ter moral. Assim, as palavras desta pessoa podem ser repetidas.

— Senhor Peter? — a secretária da diretora

chamou. — A dona Cláudia está pronta para recebê-lo.

Sem deixar de me encarar, meu pai me ameaçou com o dedo em riste:

— Nosso assunto não terminou, PC.

Pouco tempo depois, ele saiu, jogou o capacete para mim e deixou o colégio, subindo na moto e fazendo-a roncar alto, alto como o rugido de um leão irritado. Apontou com a cabeça para a garupa, descendo a viseira e cobrindo a boca com o lenço preto característico do grupo. Subi e ele arrancou pelas ruas alucinadamente. Meu pai ruminava tudo o que conversamos e mais o tanto que a diretora falou. Eu inspirava o medo e imaginava qual seria a punição desta vez. O velho senhor Peter parecia muito irritado.

Não fomos para casa e, quando percebi isso, engoli em seco. Ele dirigiu por mais de uma hora, sem falar e sem parar, e estacionou em um hospital

enorme com a frente em mármore branco.

— Desce — mandou.

Segui meu pai portas adentro até uma sala no último andar, ambos amargando o silêncio de um necrotério. Uma voz feminina autorizou nossa entrada.

— Senhor Peter, como vai? — a secretária perguntou sorrindo e abaixando a cabeça no cumprimento típico dos orientais, com as mãos cruzadas no ventre.

— Ela pode me receber agora?

— Vou anunciá-lo.

Estávamos na antessala do gabinete da presidente do hospital, segundo dizia a placa. Não demorou para que a moça voltasse e, novamente com um suave abaixar de cabeça, apontasse para dentro de outra sala, permitindo que entrássemos.

Atravessando portas enormes de vidro, me deparei com uma sala recheada de estantes,
PERIGOSAS ACHERON

ossadas, caixas e desorganização, a epítome dos pesadelos de um Tigro ferrenho como meu pai. Ao arrepio das minhas certezas, ele pareceu nem ligar para o entorno.

— Como vai, Peter? — a médica perguntou enquanto ainda anotava qualquer coisa no receituário. Uma mulher enorme, de óculos, cabelos claros e jaleco ocupava a poltrona grande atrás da mesa. Muitos papéis, canetas, um computador ligado, carimbos, livros. Ela sorriu ao notar minha presença e encarei enormes olhos verdes enfeitando seu rosto largo. — Esse é o Paulo?

— Sim, é o meu filho mais novo.

Eu apertei os lábios em uma linha fina e a cumprimentei com um aceno tímido de cabeça, que imaginei ser demonstração óbvia de que eu evitava contato físico.

— Ele está enorme! — Tirou os óculos, que

PERIGOSAS ACHERON

colocou no bolso, e levou as mãos à boca, cobrindo o espanto. — E Fernanda? Como vai? E os outros meninos? — A mulher levantou e percebi que usava um terno branco elegante, o que só reforçava a aparência de anjo evidenciada por seu caminhar leve, como se dançando a música de sua voz suave e fina. Parecendo verdadeiramente feliz, abraçou primeiro ao meu pai e depois a mim.

Eu fiquei rígido como uma tábua, com as mãos firmes ao lado do corpo, apertadas em punho, acuado com a imponência da médica. Pesando mais do que os cardiologistas poderiam considerar sobrepeso, ela era a presidente de um grande hospital.

Aquele dia estava realmente recheado de incoerências. Maurício defendendo a Simone, meu pai não ligando para aquela sala zoneada e o retrato das doenças dos gordos como responsável por um lugar que prega saúde.

Ainda assim, depois de um instante breve de tensão, ela era como um travesseiro fofo. Senti que seus braços me envolveram da forma acolhedora como eu imaginava um abraço de avó. Ainda assim, não relaxei.

— Eles vão bem. Os garotos foram para a faculdade e a Fernanda continua a mesma, um pouco mais rigorosa do que o inverno de Londres e mais amorosa do que um copo de chocolate quente no inverno de Londres — meu pai disse, piscando.

Eles riram e eu continuei de pé silenciosamente concentrado em respirar, na esperança de que a minha presença ali fosse vista como a de uma estátua.

Apontando para o sofá, a médica afastou algumas caixas de remédio, sentou e colocou as mãos no colo.

— Em que posso ajudá-lo, Peter? Imagino que não esteja sentindo dor.

— Estou bem, Juliana. Estava passando com o meu filho e resolvi cumprimentá-la.

— Por que será que eu não acredito nisso, Peter?

— Ela sorriu e pendeu a cabeça, deixando claro que havia entendido bem que suas segundas intenções.

— Vamos, converse comigo, Peter. É uma hora de lá para cá e duvido que tenha vindo passear em uma área como essa. O que houve com seu filho?

Meu pai me encarou.

— Vamos, PC. Conte para a doutora Juliana o que você disse para a sua amiga...

Gelei. Na cabeça do meu pai, o problema não era a briga com Maurício, não era a suspensão, não era o prejuízo ao meu desempenho: era Simone, o que eu havia dito para a Simone.

Como eu poderia falar aquilo para uma médica? Como poderia contar o que havia dito na escola para uma médica como aquela?

— Diga, meu querido. Pode falar livremente

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo — ela tentou me tranquilizar.

Aja antes de falar e, portanto, fale de acordo com os seus atos.

Jamais contaria. Entendi o que meu pai quis ensinar. Eu não poderia contar, porque estava envergonhado, porque sabia bem que estava errado.

Respeito por si próprio.

Respeito ao próximo.

Responsabilidade por suas ações.

— Peter, por favor, espere do lado de fora — sugeriu a médica apertando os olhos para mim e pendendo a cabeça, tentando ler meus pensamentos.

Como se aquilo fosse uma ordem, o rigoroso senhor Peter Brockester saiu da sala, se despedindo de mim.

— É só mostrar o ponto de ônibus *pra* ele, Juliana, que o PC volta para casa sozinho. Não tenha pressa.

PERIGOSAS ACHERON

Tão logo fechou a porta, a doutora ficou séria e pegou um bloco, que começou a rabiscar.

— Ótimo. Somos nós agora. O que você disse para a sua amiga?

— Eu-eu...

— Coragem, querido. Não vou fazer nada. Você a machucou?

— Não, eu jamais machucaria uma menina! — gritei irritado, notando que ela sequer levantara o lápis do papel.

Quem ela pensava que eu era?

— Talvez você ainda não saiba que há várias formas de machucar... Pelo que entendi, para o seu pai estar *tão* irritado, não foi uma briga física, ainda que você esteja com uns hematomas no rosto. — Apontou com o indicador para a minha boca.

Eu olhava para ela possivelmente como um rato observaria a gaiola, mas a médica seguia tranquilamente escrevendo — rabiscando? —

qualquer coisa no bloco de papel que tinha na mão. E, preciso dizer, nunca senti tanta vergonha na vida.

— Muito bem, Paulo, imagino que não seja fácil para você conversar abertamente com uma mulher que nunca viu, ainda mais sobre algo que o incomoda. Vou me apresentar apropriadamente. Me chamo Juliana Nogueira, sou cirurgiã há quase 30 anos e, atualmente, sou a presidente aqui do hospital geral. Somos referência em cirurgia neurológica no país e costumo tratar, especialmente, traumatismos na coluna vertebral. Bom, você pode imaginar como conheci o seu pai.

— Ela sorriu e puxou o ar em um suspiro alto, olhando para cima, para dentro de si mesma, em busca de lembranças. — Nos conhecemos há 20 anos, eu acho.

— A senhora não é psicóloga? — perguntei o que imaginei ser uma dúvida válida, considerando

PERIGOSAS ACHERON

o bloco que ela riscava.

Ela riu e fez que não com a cabeça.

— Oh, não, não... Não entendo uma vírgula de psicologia.

Franzi o cenho olhando para o papel e a perspicácia dela respondeu à minha expressão de dúvida.

— Ah, gosto de desenhar.

A doutora virou o bloco e um desenho estranho com muitos riscos finos de qualquer coisa que deveria ser um rosto apareceu. Ela apontou para mim com a cabeça.

— Sou eu? — me assustei. — Não parece comigo.

— É como *eu* vejo *você*.

— Estou feio — afirmei.

— Está? — Olhou para o próprio desenho. — Que engraçado... Eu achei lindo o meu desenho. Beleza é realmente algo fascinante, não acha?

PERIGOSAS NACIONAIS

A médica sorriu, fazendo as bochechas cheias comprimirem os olhos, virou a folha do bloco e começou a rabiscar de novo.

Puxei o ar e mudei de assunto.

— A senhora operou ele? O meu pai...

— Operei. E como operei! Foi uma das cirurgias mais longas da minha vida. Ele chegou aqui muito mal. Lembro bem de seu avô apertando a gola do presidente da época, o falecido doutor Alfredo, dizendo que ia matar todo mundo se o filho morresse. Ele estava possesso. — Riu com sinceridade.

— E o tal doutor deixou a senhora operar?

Ela apertou os olhos para mim, falando um pouco debochadamente e arqueando a sobrancelha.

— *Deixou?* Não entendi a sua pergunta...

Engoli em seco, mas mantive a pose de durão e apoiei os cotovelos nas pernas, apertando as mãos uma na outra.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, eu-eu acho que meu avô não ia querer que a senhora operasse meu pai....

Ela riu alto e me mostrou o que havia desenhado: um risco simples, porém forte e muito parecido comigo.

— Você acha que assim parece você? — perguntou, olhando para o desenho.

Eu anuí e ela voltou a falar, virando mais uma folha do bloco e começando a rabiscar novamente.

— Na verdade, o seu avô disse ao doutor Alfredo que só confiava em mim. Ele *exigiu* que eu operasse o seu pai. Depois daquela operação, fui contratada como chefe de neurologia daqui. — Abanou com a mão, como se me desse tchau. — Mas não acho que você tenha vindo aqui conversar sobre a minha carreira. Deixemos isso para um outro dia. — Sorriu. — Estou realmente curiosa com o que você disse para a menina...

A encarei, apertando as mãos uma na outra ao

PERIGOSAS ACHERON

ponto de meus dedos esbranquiçarem.

— Eu-eu chamei a menina de baleia — sussurrei a última palavra.

— De quê? — A médica apertou os olhos e perguntou com honestidade.

Engoli em seco antes de dizer com a maior clareza possível para um jovem de 17 anos assustado.

— Baleia.

Não corrigir as próprias falhas é cometer a pior delas.

Ela apertou os lábios tentando conter um sorriso e concordou com um suave movimento de cabeça.

— Agora entendi tudo. Então, meu querido, temos *muito* o que conversar — dizendo isso, levantou e apertou um botão no telefone da mesa.

— Verônica, traga um refrigerante para o Paulo e um café para mim. — Olhou para mim e perguntou: — Está com fome?

Eu concordei com a cabeça.

— Traz um hambúrguer para ele também e um sanduíche natural para mim. Obrigada, querida.

Desligou e sentou novamente à minha frente.

— Então, Paulo, é hora de termos uma conversa séria sobre a vida.

A médica pegou o bloco, voltou no primeiro rabisco estranho e o mostrou para mim. Eu franzi o cenho, dando a entender que já tinha visto aquilo, tentando entender o que ela queria dizer. Ela sorriu mais uma vez e virou a página, exibindo o risco forte que achei mais parecido comigo. Então, sem esperar minha reação, revelou o último desenho: uma caveira. Sem alterar a voz, suave como veneno diluído, falou:

— O principal a saber é que, por trás da aparência, por trás do que eu acho e do que você acha, somos todos iguais. É isso, meu querido, o que realmente importa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

Dezembro de 2008.

Nenhuma sensação poderia ser mais intensa do que uma injeção da adrenalina do desespero. Meu coração acelerou, minha respiração ficou presa e tenho quase certeza de que saíram raios do meu olho.

Era um dia comum e eu tinha acabado de voltar para o escritório. Era só um maldito dia comum, no qual eu tentava a todo custo imaginar como prender o José de Assis de novo — e mantê-lo preso até cercar o topo da quadrilha. Depois que a Simone o libertou prisão, usando um senso rígido de ética profissional e fazendo-nos perder a testemunha que seria pressionada —, eu mesmo precisaria dar um jeito nas coisas.

Engolindo a quarta xícara de café, eu olhava

para a porta esperando vê-la entrar. Simone era a única que poderia acalmar meus pensamentos naquele momento, já que minha principal preocupação era o mal-entendido da noite anterior. Meu apartamento ficou pequeno demais depois que ela saiu irritada e ponderei a noite toda sobre a minha declaração de amor, que pode tê-la assustado. Eu teria que expor meus sentimentos de forma lenta, pois Simone ainda guardava mágoas antigas de tudo o que eu havia dito no colégio e, talvez, revelar abruptamente que a amo pode não ter sido a melhor estratégia.

Estratégias...

— Levaram a Simone — disse o doutor Carlos quando se aproximou de mim. — Eles levaram a Simone.

Franzi o cenho para o homem e deixei a xícara na mesa. Então, puxei o ar com força, levantando da cadeira e colocando as mãos nos bolsos da calça.

Inspirei novamente, soltei o ar mais uma vez e perguntei pausadamente, como se falasse com uma criança mentirosa:

— O senhor pode repetir, por favor?

— A Simone sumiu. Um rapaz do fórum veio trazer a bolsa dela, que achou caída em uma sala de audiências.

O advogado parecia calmo e fiquei pensando como alguém poderia me dar aquela informação tão placidamente. Apertei os punhos e tentei conter a raiva.

— Onde está o celular dela?

— Eu tentei ligar, mas está desligado.

Puxei o ar e peguei o meu próprio aparelho:

— Onde diabos vocês estão? — perguntei para um dos Sombras que deveria estar cuidando dela.

— A Simone sumiu, porra! — gritei e saí para a sala de reuniões. Frederico e Viviane me seguiram, já imaginando o que poderia ter acontecido. Tão

logo entramos e as persianas foram fechadas, comecei a andar de um lado para o outro, passando a mão no cabelo e socando a parede.

— Paulo, acho melhor ficar com a cabeça fria. A gente não vai achar a advogada se ficarmos nervosos. Precisamos pensar calmamente.

— *Calmamente?* — Caminhei até parar de frente para o infeliz. — A Simone foi levada por um filho da puta e você quer que eu pense *calmamente?*

Frederico arqueou a sobrancelha e virou de costas, puxando o ar e encarando a janela. Viviane sentou em uma das cadeiras e pôs-se a batucar com a caneta, quase imitando as batidas do relógio.

— Ela se meteu onde não poderia, Paulo. Devíamos ter tirado a doutora da operação.

Não muito tempo depois, os Sombras entraram e um deles tratou logo de me passar o celular da Simone, desligado e embaçado.

— Achamos o celular, Puma. Estava no banheiro do fórum em uma caixa de descarga.

Os dois pararam com as mãos atrás do corpo, em posição de alerta, possivelmente esperando pela bronca que eu me preparava para dar. Virei de costas e trinquei os dentes, rangendo-os enquanto organizava o pensamento.

— Onde ela está? — questionei, apertando o celular grampeado na mão. — Onde diabos está a Simone?

A pergunta era retórica e, ainda assim, eu esperava uma resposta qualquer.

— Senhor, eles-eles... nós-nós... — tentou falar o Esquilo.

— Ficou gago, imbecil? — Virei abruptamente, estraçalhei o celular na parede e andei a passos largos até agarrar a gola do policial e empurrá-lo em direção à janela aberta.

— Eles sabiam do grampo, senhor. — Tossiu,
PERIGOSAS ACHERON

engasgado com a pressão que eu colocava.

— Usaram uma mulher, que abordou a Rainha no banheiro pouco depois do almoço. Achamos que usou uma arma para mantê-la calada. A suspeita levou a doutora para uma sala e saíram por outra porta. A gente esperou ela sair, mas demorou mais de duas horas e entramos, constatando o sequestro — interveio o outro.

Soltei o Esquilo e olhei a hora no meu relógio de pulso.

— A Simone foi levada às 13 horas e vocês só me comunicam às 17? — perguntei rispidamente.

— Sim, senhor — respondeu o Sombra mais parrudo, Palito, de forma firme, fazendo jus ao treinamento militar que recebera nas Forças Especiais.

Caminhei até ele, que era uns 10 centímetros mais alto que eu, e apertei os olhos:

— E o que vocês fizeram para encontrá-la

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto não me reportavam o sequestro?

— As câmeras, senhor. Pedimos as gravações e esperamos entregarem para identificarmos a suspeita.

— *Esperaram?* — rui, bufando e chegando mais perto. — Vocês, então, perderam tempo esperando um *guardinha*, um fiscal de câmera entregar as gravações?

Ele não esmoreceu e me encarou com firmeza.

— Sim, senhor. Há um procedimento de segurança e...

Pressionei a garganta dele com o antebraço contra a parede, fazendo-o perder a pose de valentão. Ou apenas *tentando*, porque ele me encarava como se não temesse a morte, como se estivesse preparado para quando a foice chegasse, como se não se incomodasse de morrer pelo que acreditava ser correto. Talvez, ele até mesmo a esperasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Diferente de qualquer outra pessoa, o Palito não tinha medo de mim e seguia com seu olhar plácido me encarando.

— Senhor, matá-lo não vai adiantar. — Senti a mão de Viviane no meu ombro.

Eu respirava pesadamente, mas ainda demorei um tempo empurrando o homem contra a parede. Parei novamente olhando pela janela, onde o movimento de fim do expediente começava a engarrafar as principais ruas da região.

Na minha cabeça, um plano esdrúxulo — desesperado? — de salvá-la começava a se formar, mas só teria sentido se eu conseguisse chegar a tempo. Era fácil saber para onde a tinham levado. Só poderia ser no mesmo lugar onde mataram o Roberto.

Eles estariam me esperando?

Simone era a isca?

Como descobriram minha identidade?

PERIGOSAS ACHERON

Eu jamais colocaria meus homens em risco. Não perderia mais ninguém para essa operação. Naquele momento, era preciso ir sozinho, deixando no máximo alguns helicópteros de sobreaviso e, em uma casa qualquer longe o suficiente para não serem atingidos, alguns águias de prontidão.

A senhora Costa, secretária do escritório, bateu na porta.

— Doutor Paulo, deixaram estas flores para a doutora Simone. O doutor Carlos me disse para entregar para o senhor.

Virei e me deparei com um buquê de malditas flores do campo com um cheiro de cemitério que impregnou o ambiente. Joguei-as no lixo e peguei o cartãozinho escrito com a péssima letra de um idiota, que imediatamente abri:

*Venha sozinho e desarmado antes das 19.
Com um pouco de sorte, ainda pega a
doutora viva.*

PERIGOSAS NACIONAIS

Embaixo, havia o endereço de um hotel em um bairro diferente do que vínhamos investigando, alguns quilômetros afastado do local onde encontramos o corpo do Roberto, perto de uma pequena floresta urbana. Era provavelmente o campo de concentração deles. Puxei o ar e recuperei um pouco da sanidade, ainda abalado pelos mil hormônios do desespero. Me preparei para sair e, da porta, gritei:

— Não me sigam.

— Volta aqui, Paulo — Frederico chamou, mas eu não podia perder tempo.

Deixei o celular, minha carteira, a gravata, o blazer e Anabelle, a *Glock* da corporação, na gaveta trancada da mesa que vinha usando. Depois, virei para o Palito e deixei as ordens:

— Pegue a Rainha em duas horas no Tribunal. Se alguma coisa acontecer com ela, eu mesmo enfio palitos nas suas unhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enfiei o cartão das flores no bolso, peguei a chave da moto e saí. Na garagem, quebrei a placa com um chute, enfiei o capacete e acelerei, pronto para matar qualquer um que machucasse a Simone.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

Não demorei a chegar no local e estacionei a moto na porta de uma fábrica de roupas de marca. Entrei em uma ruela e fiz caminhos alternados para o caso de estar sendo seguido. Eu lembrava daquele lugar quando ainda era um bairro pacato de casas simples, com crianças na rua e vizinhos conversando. Como pôde empobrecer tanto?

Parei à frente do endereço informado no cartão e entrei com passos pesados.

— Boa tarde — cumprimentou o Portaria, um senhor de mais idade, barba malfeita e cabelo branco. — Qual quarto?

— 666.

Ele franziu o cenho para mim e perguntou:

— Senha?

Apertei os olhos:

— Onde ela está?

— Senha?

— Me diz onde ela está ou eu quebro sua cara maldita e destruo esse lugar sozinho.

— Senhor Puma? — Sorriu desdentado, com bochechas fundas que marcavam sua magreza.

— Adivinhou, palhaço. Onde ela está?

— É uma honra finalmente conhecê-lo — falou.

Minhas narinas dilataram e trinquei os dentes. Ele continuou me olhando calmamente até que apertou um botão.

— Desça a escada e pegue o elevador. Boa sorte, senhor Puma. Um moleque está esperando lá embaixo.

Eu fui. Passando por um corredor fedorento repleto de gringos que acham que bairros pobres são selvas para safári, entrei no elevador.

— Demorou, Puma — disse o menino armado com uma pistola parado do lado de fora do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elevador. — A madame *'tava* arredia e os *Caveira* apagaru ela. — Riu, como se aquilo fosse uma notícia boa.

— Abre a porta, garoto — vociferei sem voltar os olhos para ele, com a cabeça fervilhando de pensamentos sobre o que doeria mais em alguém que fez mal à Simone.

Dois outros garotos, que não deveriam ter mais de 20 anos, tentaram me segurar. Eram fracos demais e jamais conseguiriam me conter — nem calmo, muito menos irritado. Derrubei eles com um ou dois socos e enfiei o pé na porta, quebrando um pedaço da madeira do batente.

No escuro de um porão imundo, achei Simone sentada em uma poltrona rasgada, amarrada, amordaçada e muito, muito assustada. Meus planos, que já incluíam um ritual específico para assassiná-los lentamente, passaram a conter uma lista exaustiva de formas de torturá-los.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Solta ela — rugi para o Pintor, que imediatamente reconheci por trás da máscara hospitalar ridícula que usava.

O idiota atrás da Simone apertou mais a corda e a fez engasgar. Dois cretinos me seguraram e colocaram de joelhos, subjugando-me perante aquele circo.

— Veio sozinho, Puma? — Um babaca me socou. — Responde, porque o saco *tá* pronto *pra* cobrir a cabeça dela.

— Eu vim como você pediu.

— Sozinho? — O Pintor se aproximou.

Machucarem a mim era uma coisa, mas cada vez que encostavam na Simone, cada vez que uma lágrima brilhava no olho dela, eu sentia um nó na garganta. Tentei ficar calmo — ou, pelo menos, convencê-los de que estava calmo —, porque precisava tirá-la dali antes de soltar o animal enjaulado que morava dentro de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Demorou mais do que imaginei e só depois de muito papo-furado a libertaram. Simone ajoelhou à minha frente, linda e corajosa, insistindo para que eu fosse embora. Um dos imbecis a segurou pelo cabelo e percebi que ela tentava manter a firmeza. Mas minha boneca era clara como água para mim; eu a conhecia e consegui ler em seus olhos que estava ferida — não apenas fisicamente.

Derrubei os dois que me seguravam e rugi para o filho da mãe que a detinha:

— Tira as mãos dela.

Eles debochavam do peso de Simone e provavelmente aquilo me incomodava mais do que a ela.

— Paulo, por favor... Vai embora! — ela insistiu, mesmo presa pelo cabelo.

— Larga ela — gritei mais uma vez.

Apertei as mãos ao lado do corpo, tentando não transparecer que, naquele instante, havia decidido

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer um Santo André nele. Aquela discussão inútil só estava me irritando ainda mais. Cada segundo que Simone era submetida àquela cena era um minuto a mais de sangue que eu drenaria deles.

Quando a soltaram, a segurei pelo braço e levei até a porta.

— Por favor, Paulo, eles vão machucar você.

Eu precisava mantê-la tranquila. Era necessário convencê-la a sumir dali a qualquer custo, antes que decidissem pegá-la novamente — ou, pior, antes que ela decidisse ficar para me ajudar.

— Eles não podem mais me fazer sentir dor, boneca. — Me aproximei e cochichei perto de sua testa, encostando o nariz para inspirar seu perfume pela última vez. — Eles não vão me fazer sentir dor, boneca — frisei.

— Acho que vai sentir se eles te matarem.

Puxei o ar e falei ainda mais baixo, perto de seu ouvido:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu só sentiria se encostassem novamente em você.

Empurrei-a e tranquei a porta com uma pequena corrente, finalmente conseguindo acalmar meu coração para o que seria, provavelmente, uma luta muito cansativa.

Nada do que eles fizessem a partir daquele momento importava mais. Tirando a Simone daquele inferno, o resto era baboseira para um cara como eu. Mas estava na hora de investigar — além disso, matar uns cinco ou seis no processo.

— Vocês machucaram ela — falei assim que virei para eles e encarei o Pintor, que sorria já sem a máscara, sinal claro de que pensavam em me matar.

Um saco embebido em clorofórmio foi colocado na minha cabeça e eu apaguei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

Abri os olhos quando senti uma batida na cabeça e notei que estava sentado contra a luz. À minha frente, apenas o Pintor tinha o rosto à mostra. Dos outros, três usavam máscaras hospitalares que só cobriam a boca, outro usava um capacete preto e dois, máscaras que lhes cobriam quase o rosto inteiro.

Sete caras.

Eu não estava mais no local onde encontrara Simone. Agora, em um porão cheio de caixotes, me colocaram sentado de frente para uma janela, através da qual só se viam pés caminhando do lado de fora. Os Caveiras me socaram uma, duas, três vezes até que uma marca de sangue manchasse a gola da minha camisa. Minha cabeça foi enfiada no que só posso supor ser uma tina e, naquele

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, achei que a morte finalmente seguraria a minha mão. Eles me puxaram de volta e amarraram à cadeira novamente.

Ouvi passos atrás de mim e supus que conheceria alguém mais importante naquele momento, mas a pessoa sequer tentou me encarar.

— É um enorme prazer recebê-lo na minha casa, Puma — escutei uma voz desconhecida e rouca, falando de algum ponto no escuro.

Fiquei em silêncio, aguçando os ouvidos para poder identificar o sujeito. Ele voltou a falar:

— Foi difícil descobrir sua identidade, mas nada é impossível para quem tem bons contatos. — Riu. — Amarrado assim, parece a isca.

— Pelo jeito, eu sou mesmo o predador. Só me apagaram com remédio e só me batem porque não tenho como reagir. Me solta e a gente vê o que acontece — provoquei, tentando trazê-lo para a minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

Ele riu novamente e por um instante lembrou alguém que eu conhecia, mas outro soco me apagou.

Não sei quanto tempo depois, um balde de urina me encharcou e despertei, um tanto enojado com a mistura dos muitos cheiros fétidos do lugar.

— A Cinderela acordou, Cervantes.

Cervantes? *O chefe?*

— Muito bem — o homem de voz rouca voltou a falar, ainda parado em algum lugar atrás de mim.

— Estou há algum tempo procurando você, Puma. É bem difícil de pegar... Justifica o apelido. Gostei.

— E o que você quer comigo, *Sancho Pança?*
— debochei.

— Ah, meu caro... Eu vou acabar com essa sua operaçãozinha bem rápido. Estou um pouco cansado de vocês tentando atrapalhar meu negócio. Tenho muitas bocas para alimentar.

— A operação continua com ou sem a minha
PERIGOSAS ACHERON

presença.

Me acertaram novamente.

— Faz o infeliz sofrer e apaga ele. Pode jogar no Depósito — falou o tal Cervantes. — Adeus, Puma. Vejo você no inferno.

Aquela voz era conhecida, mas eu sentia muita dificuldade para discerni-la. Água, socos e sangue dificultavam a minha audição.

Depois de um barulho de porta sendo trancada, os Caveiras se enfileiraram para me acertar e queimar com cigarros. Se me esforçasse, conseguiria identificá-los para um retratista facilmente. Bom, isso só seria possível *se* eu saísse dali vivo, o que imaginei não ser nada simples.

Dois, três, quatro socos foram imediatamente desferidos no meu rosto. Revezaram-se, provavelmente porque sentiam dor nas juntas com o meu maxilar trincado. Eu sorri, eu ri e, por fim, cuspi o sangue na cara do mais imbecil.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maldito!

— O sol é amarelo, a lua é branca. Sua mãe está bem? — perguntei, arqueando a sobrancelha e soando debochado.

Ou atordado.

Outro soco. E, assim, seguimos por mais um tempo. Meus olhos chegaram ao ponto de não mais abrir e tenho certeza de que ninguém me reconheceria na rua.

— Leva ele *pra* piscina.

Minha cabeça foi enfiada, de novo, no barril e o capanga mais magrelo segurou-a submersa, regozijando-se de sua própria força para conter o Puma. Imagino que ele tenha contado vantagem para alguma vagabunda sobre isso.

Naquele momento, não reagi, seja porque não tinha mais força, seja porque preferia que eles pensassem que eu tinha morrido. Quem sabe não me deixassem em paz?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma visão de Simone surgiu na minha frente, dançando, rindo, comendo, dormindo, falando, atendendo clientes, gozando...

Os Caveiras me puxaram de volta da água.

— Vai chorar, Puma?

Sorri e o magrelo me empurrou de volta para a água, enquanto outros dois me seguravam. Eu conseguia ouvir latidos murmurantes daqueles cretinos, risadas e até mesmo quando batiam no barril. Me tiraram da água novamente e tossi.

— Pintor, acho que ele vai empacotar. — Um moleque franzino de voz oscilante soou apreensivo.

— Que nada, garoto! Esse aí não empacota assim. Ele é forte, não é, Puma? — Deu dois tapinhas no meu rosto.

Eu sorri — ou acho que sorri porque o inchaço deve ter prejudicado bastante minha capacidade de expressão.

Ele estava certo: é claro que não ia empacotar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes disso, derrubaria aquele maldito tonel de água e os mataria, um-a-um, com requintes de crueldade e minúcias de tortura. Unhas, sobancelhas, olhos... Cada segundo que Simone ficou nas mãos dele seria uma gota a menos de sangue.

Voltei para a água antes mesmo de normalizar a respiração.

Simone...

A imagem dela em audiência, caminhando pelo salão, engolindo balas ferozmente e apertando uma mão na outra de forma a esconder o nervosismo... Parei de ouvi-los e, em certo momento, comecei a confundir lembranças com delírios. Me arrependi repetidas vezes de não ter beijado a Simone antes de fechar a porta daquela sala, libertando-a das mãos daqueles idiotas. Em outros momentos, ratifiquei essa atitude, certo de que ela estaria em risco se eu não tivesse mantido a frieza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez, eu devesse mesmo ter dito o quanto amo outras muitas vezes, insistido para ela acreditar.

Acho que deveria ter entrado naquele elevador com ela no dia anterior, quando deixou a minha casa muito irritada, e provado de todas as melhores formas que só quero poder amá-la.

Pelo jeito, eu mesmo só dei conta da intensidade desse sentimento quando a notícia de que ela tinha sido levada chegou aos meus ouvidos.

Não! Eu já sabia disso muito antes de perdê-la. Simone era — como ainda é — a parte mais feliz de mim mesmo, a única que vale a pena conhecer, a única pela qual vale a pena continuar vivendo.

Você não pode mudar o vento, mas pode ajustar as velas do barco para chegar onde quer.

— Maldito — gritou alguém no instante em que o magrelo me puxou de volta. — Esse puto não morre?

PERIGOSAS ACHERON

Puxei o ar com força e disse:

— Praia. — Acho que o oxigênio já havia sumido da minha cabeça naquele momento.

Hipoxemia.

Simone, nua, mergulhando em uma praia de mar cristalino, deserta e perfeita para fazermos amor em diversas posições...

— Que praia, infeliz? — Riram alto. — 'Tá doidão?

— Terraço — falei e o magrelo me socou no rosto.

Simone sorrindo com o vento sacudindo seu cabelo, pronta para aceitar o meu sentimento...

— Chega! — Ouvi uma voz grossa e mais incisiva, a do Pintor, falar. — Larga ele aí e vamos comer. Deixa esse infeliz morrer de frio.

De tão fraco, fui deixado sozinho e molhado no chão úmido daquele porão. Não sei quantos guardavam a porta, mas sei que não consegui

PERIGOSAS NACIONAIS

mexer um músculo. Fugir, naquele momento, seria impossível. Eu tinha duas alternativas: morrer naquele momento ou morrer em alguns dias.

Fiquei em dúvida por pouco tempo. Surgiu um breu e, depois...

Simone...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

Os dias seguintes àquele alternaram momentos de água fria, quente, socos, perguntas e deboche. Aos poucos, todavia, fui me tornando desinteressante e apenas um ou dois vinham me bater. Eles pretendiam continuar a me fazer de *spare* e, por isso, jogavam uma ração para eu comer vez ou outra. Um corte foi feito no meu braço e, com um canivete, escreveram *PUMA*. Não lembro de muita coisa e tampouco sei o que é verdade e mentira. Tive alucinações, visões e ouvi coisas que, honestamente, nunca poderia afirmar que foram mesmo ditas.

Barulhos secos, tiros, estrondos...

Muitos dias sem apanhar...

Imagens distorcidas, rostos esfumaçados, um par de olhos escuros, estes eram os únicos sinais de que

não havia morrido. Uma pessoa de toque suave parecia responsável por garantir que eu sobrevivesse, mas nem isso afastava as lembranças de dor. Nunca me senti tão enfraquecido.

Pensar em Simone me mantinha são — ou, pelo menos, vivo —, mas tudo doía de formas que jamais pensei serem possíveis. Dores agudas, contundentes, perfurantes... Meu corpo estava coberto de feridas costuradas e outras tantas infeccionadas. Algumas, mal cicatrizadas.

Não sei quanto tempo passou até que eu acordasse em um quarto com paredes úmidas e escorridas, repleto de infiltrações. Por algum motivo, lembrei do meu pai.

O velho odiaria aquele lugar.

Meu olho ainda estava inchado e mal abria, mas podia enxergar alguma coisa, ainda que não discernisse os rostos. Minha audição havia sido seriamente prejudicada, provavelmente por conta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de muitos socos na cabeça. Ainda assim, escutei quando alguém disse:

— Acho que ele está acordando. — Suave, feminina, uma voz realmente tranquilizadora. — Senhor Paulo? — ela chamou. — O senhor está me ouvindo?

Não respondi. Antes de tudo, precisava saber onde estava e quem era aquela pessoa falando comigo.

— Se o senhor estiver ouvindo, levante um dedo.

Mantive meus olhos fechados e procurei deixar o corpo inerte.

— Por que ele não acorda? — Uma voz masculina, grave e familiar, perguntou.

Acordar?

— Ele está sedado. Precisa de tempo para curar todos os ferimentos e...

Curar? Eles queriam me curar?

PERIGOSAS ACHERON

— Ele *tem que* acordar — o homem disse em tom de ordem. — Esse infeliz está dormindo há uma semana!

— Ele está em coma induzido, senhor. Retiramos a morfina, mas não sabemos em quanto tempo ele vai acordar— outro começou a falar, com uma voz imponente, grossa e incisiva. —E não posso garantir que vá lembrar de muita coisa. Já é um milagre ele respirar sem aparelhos... — Fez um instante de silêncio, e completou: — Parece que o senhor Paulo foi torturado.

— Ele não foi torturado. É um amigo que sofreu um sequestro relâmpago.

Relâmpago? Não foi relâmpago! Durou uma eternidade.

— Sei — respondeu aquele que supus ser um médico.

— Senhor Paulo, se estiver ouvindo, faça algum movimento — a voz suave continuou falando

comigo, alheia ao assunto dos homens.

Levantei um dedo e perguntei, tentando ganhar tempo.

— Onde estou? — Minha voz saiu diferente, baixa e rouca demais, como se algo houvesse um ovo entalado na minha garganta.

Forcei a visão para encará-los e, ao ver que todos usavam máscaras cirúrgicas, arregalei os olhos.

Eu ainda estava com os Caveiras?

— Acho que o senhor não deveria falar muito. Suas cordas foram comprometidas e me parece que há algo como um cisto, o qual vamos precisar monitorar — o tal médico falou.

Percebi que meu coração batia de forma acelerada.

Medo?

— Está na Clínica São João, senhor — a jovem respondeu e nossos olhos se cruzaram, trazendo

uma sensação de paz ao meu peito.

Com os cabelos negros presos em um coque cheio, ela tinha olhos azuis profundos que mais pareciam o fundo do mar e que se curvavam como se estivesse sorrindo para mim por baixo da máscara. Parecia feliz.

— Eu sou Carina, sua enfermeira — ela voltou a dizer, enquanto tocava meu pulso com delicadeza para medir os batimentos. — Esse é o doutor Marcelo, o médico responsável pela Clínica.

— Como vai, senhor Paulo? — perguntou o dono da voz incisiva, de cabelos brancos como um idoso bem velho e olhos iguais aos da menina. Com o estetoscópio encostado no meu peito, fazia movimentos para que eu inspirasse e respirasse. — O senhor lembra do que aconteceu? Apenas balance a cabeça para responder.

Apertei os olhos e fiz que não. Aquele era o momento crucial e, se eu falasse algo que não

PERIGOSAS ACHERON

deveria, talvez fosse morto.

— O senhor foi assaltado e o machucaram.

Balancei a cabeça e franzi o cenho — ou tentei, na medida daquele inchaço todo.

— Lembra de mim, Paulo? — ouvi a outra voz masculina falar ao meu lado, com tom familiar e íntimo.

Virei a cabeça devagar e encarei Palito com seus olhos pretos apertados, um dos Sombras responsável pela guarda da Simone. Forcei o foco novamente, tentando ler as expressões do meu colega de trabalho.

— Como vai, Paulo?

Arqueei a sobrancelha debochadamente.

Como ele achava que eu me sentia?

Ele soltou o ar, demonstrando alívio, e bateu de leve no meu ombro.

— Doutor, como ele está? — Pareceu amenizar a voz. Acredito que ele já havia afastado a ideia de
PERIGOSAS ACHERON

matar o médico.

— Bom, o pulmão está quase limpo, mas creio que vai demorar a andar de novo. Ainda acho que deveria levá-lo para um hospital maior. Certamente, precisará de fisioterapia.

Apontei para a caneta no bolso do médico e ele entregou-a para mim com um papel. Anotei o número da doutora Juliana e entreguei ao médico.

— Doutora Juliana Nogueira? Eu a conheço — falou o médico. — Posso ligar para ela, mas duvido que venha até aqui. — Franziu o cenho.

Escrevi no papel:

Diga a ela que é o filho do Peter. Ela vem.

O médico saiu e fez sinal para a enfermeira acompanhá-lo, me deixando sozinho com o Palito.

— Fico feliz que você tenha acordado. Acho que temos muito o que conversar, agora que o doutor e a enfermeira saíram.

— Vocês me tiraram de lá? — sussurrei.

— Não quer papel?

Fiz que não e ele puxou o ar.

— É uma longa história.

— Você está bem?

— Porra nenhuma.

Ele sorriu, mas eu senti a garganta arranhar.

— Ainda é você, pelo que vejo. — Palito pendeu a cabeça e fechou as feições. — Preciso saber se você lembra de rostos, vozes, trejeitos...

— Não — respondi laconicamente, mentindo para sondar o que ele sabia.

Palito voltou a falar:

— Havia alguns meninos, mas eram menores. Apreendemos dois, mas já foram liberados pela DPCA. O Pintor morreu na operação de extração e tem outro Caveira preso.

Continuei em silêncio, esperando que ele passasse mais informações.

E a Simone?, pensei.

Ele puxou o ar, como se lesse meus pensamentos.

— A Rainha está em segurança, mas encheu tanto o nosso saco que quase mandamos ela de volta *pra* lá.

Me senti aliviado com a informação e quis sorrir, mas mantive a expressão séria e apertei os olhos, como se tivesse dúvidas sobre o que ele havia dito. Eu não podia confiar em ninguém mais, especialmente no que se referisse à Simone.

Ele franziu o cenho, bufou e, com as mãos nos bolsos, riu.

— Ela ameaçou *processar todo mundo*, palavras dela, se não achássemos você. Chegou a se hospedar perto do bairro onde acharam o Roberto para acompanhar o movimento e encontrar você. Mulherzinha intrometida. Quase colocou tudo em risco de novo... Ela acampou naquele lugar e se aboletou nos bares, restaurantes, farmácias, pontos

de bicho. Ficava lá, o dia todo, bebendo água até estourar a bexiga e chegou até a jogar naquela loteria. Para ser sincero, Puma, achamos que você tinha morrido e que ela não corria mais risco, mas a doutora não parou nem quando eu disse que você tinha empacotado.

Palito me encarou quando não esbocei qualquer reação e voltou a falar:

—A promotora gata enrolou ela com umas pistas vazias e colocou a Rainha em um rastro falso, em outro bairro distante dali. — Coçou a testa. —O doutor Carlos, lá do escritório, deu uns casos mais simples de consumidor e encheu ela de trabalho. E...

Arqueei as sobrancelhas.

— O juiz tem cercado ela desde que você sumiu. A gente acha que eles estão namorando, porque o doutor a leva para casa todo dia e, nos fins-de-semana, tem buscado a doutora para jantar.

Trinquei os dentes, mas contive a raiva.

— E a pista sobre ele?

— Morreu. Ele não parece envolvido com os jogos.

— Ainda é suspeito.

— É, mas...

— Palito — comecei a dizer e limpei a garganta —, eu não sei quem é essa Rainha, mas acho que deveria ter Sombras na cola dela até termos certeza da inocência do juiz.

— Você não sabe quem é a Rainha? — estranhou. — A doutora Simone?

Fiz que não com a cabeça.

— Quem é? — fingi.

— Sua namorada...

Minha namorada. Não do *juiz*.

— Não tenho namorada — falei.

Ele apertou os olhos.

— Puma, você foi até lá para salvá-la, sozinho e

desarmado, trocou de lugar com ela e...

— Ela é testemunha?

— Sim e não. Para mim, ela não é nem pessoa de interesse e sequer lembra de alguma informação importante sobre o próprio sequestro, além do rosto da mulher que cercou ela no banheiro. Depois que nos fez perder um informante, achamos que se tornou inútil, mas você fez questão de grampear ela e colocar 24x7. Aí, ela perdeu outro e ainda abriu o bico *pro* juiz. Para mim, a presença dela é risco *pra* operação.

— Ela está namorando o juiz, Palito. Se ele tem cercado ela dessa forma, estão mesmo namorando — falei quase engasgando de raiva. — É pessoa de interesse e pode ser valiosa para operação. — *É mais valiosa que qualquer outra pessoa dessa maldita operação.* — Então, até termos certeza da inocência dele, coloque outros Sombras na cola dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era estranho demais eu estar naquele lugar e mais estranho ainda o Palito estar tão decidido a me interrogar. *Por que eu não estava no hospital da polícia?*

— Bom, aquele lá sempre foi a fim dela mesmo... — ele disse. — Como estão namorando, se ele for culpado, não vai fazer nada contra ela. Não acredito que a Rainha corra riscos.

Olhei para o outro lado, tentando parecer o mais tranquilo possível com aquilo. Depois de uns instantes de silêncio, o Palito perguntou:

— E você está bem com isso?

— Por que não estaria?

Vou matar o babaca do juizinho.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

A doutora Juliana chegou algumas horas depois, trazendo uma mala, usando roupas comuns. Sem jaleco, sem a pose profissional, com os cabelos brancos presos em um rabo de cavalo e os olhos verdes abatidos, era apenas uma conhecida visitando um moribundo.

— Aprontou de novo, meu querido?

— Como vai, doutora? Está linda como sempre — falei com a voz quase sumindo.

Ela arqueou a sobrancelha.

— Ora, você está ficando galante com a idade. Até a voz está mais rouca. Será que bateram demais na sua cabeça e você não está mais no juízo perfeito? — Riu. — Para ser sincera, pode até ser uma boa você perder de vez o juízo. É irresponsável demais para a idade que tem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda há dúvidas sobre isso... — brinquei.

Ela acariciou meu rosto e falou com ternura:

— Não imaginei que estaria *tão* mal, querido.

— Estou ótimo.

Eu tossi e engasguei um pouco. A doutora caminhou meio cambaleante até parar do meu lado e colocar a mão na minha testa. Depois, puxou o estetoscópio e encostou no meu peito.

— Inspire, Paulo — mandou.

Fiz como ela mandou e, tão logo terminou com este exame, procedeu ao físico, analisando meu corpo e apertando alguns lugares. Reclamei de dor e ela falou:

— Seu coração não parece bem, seu pulmão não está limpo, você tem ferimentos infeccionados pelo corpo todo e vai ficar com umas cicatrizes bem esquisitas. No mais, parece ótimo.

— Achei que estava atestando o meu óbito.

Vi suas narinas dilatarem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hoje, não. Mas você vai para o *flat* agora.

— Doutora, acho perigoso. Eles podem tentar me pegar de novo e...

— Paulo César, sou sua médica há quase 10 anos. Você vai para onde eu mandar você ir e não vai reclamar.

— Doutora, mas o Palito...

Ela apertou os olhos respondendo ao que não verbalizei com a incrível habilidade que sempre teve de ler a minha mente.

— Você não confia nele?

— Não confio em ninguém quando estou desarmado.

— Confia em mim — afirmou.

Talvez, pensei. Sacudi os pensamentos — acredito que nem pisquei o olho — e me preparei para dizer qualquer coisa que não a ofendesse. A doutora sorriu e interrompeu o silêncio:

— Ótimo. Tendo dito isso, você *vai* comigo. O

PERIGOSAS ACHERON

Palito, se é aquela muralha conversando com a mocinha lá fora, não vai saber. Aliás, o homem é grande como a estátua de Colosso, mas tudo bem. Tenho pessoas de confiança que virão buscá-lo à noite e levar seus registros daqui. Fique tranquilo. Para todos os efeitos, você nunca vai ter estado aqui.

— Eles *vão* me achar. Os Caveiras, os colegas da corporação... Alguém vai acabar me achando.

A doutora suspirou e coçou a testa, mostrando cansaço pela primeira vez.

— Deixe que tentem, mas até você querer ser achado, não vão conseguir. Vejo você amanhã.

A doutora Juliana recolheu seu material e saiu, deixando a porta entreaberta de forma que eu pudesse ouvir o que ela diria.

— Ele está sendo muito bem cuidado aqui, doutor. Volto em alguns dias. Mas se houver qualquer problema, ligue e eu venho

imediatamente. Sou amiga da família dele e gostaria de ficar informada sobre a evolução do quadro até o Paulo estar disposto e saudável para ser transferido.

— Claro, claro. É realmente uma honra conhecê-la, doutora Juliana. Já fui a muitas palestras suas e li seu livro.

— Obrigada. Se posso oferecer um conselho, mantenha-o sedado. Acredito que ele ainda vai ficar bem agitado pela dor e está a um passo de perder a voz de vez. — Ficou em silêncio e fingiu cochichar. — Não seria tão ruim, na verdade. Ele pode falar umas abobrinhas vez ou outra.

Pouco tempo depois, a enfermeira injetou algo no meu acesso e dormi pesadamente, certo de que a médica cuidaria de tudo.

CAPÍTULO 7

Eu estava cansado demais para entender o que acontecia, mas senti um toque gentil nas pernas. Houve um desconforto, algo como um beliscão, depois um carinho suave e ela cochichou:

— O que fizeram com você, meu amor?

Simone? Abri os olhos. Sim! Simone estava sentada na cama ao meu lado, vestida de branco, com uma blusa rosa e os cabelos presos para cima, em um nó que deixava muitos fios soltos.

Batom vermelho...

Os lábios de Simone brilhavam como morangos em caramelo. Apetitosos, pediam por beijos a cada vez que ela os lambia. E era exatamente isso que fazia enquanto me olhava: passava a língua lentamente por cima da boca.

— Está tudo bem com você? — ela me perguntou e, tímida, limpou uma lágrima com a ponta do indicador.

De repente, seu olhar se transformou em fogo, desejo e um cheiro intenso de sexo, o que aguçou ainda mais meus sentidos.

— Você vai ver o quanto senti sua falta — Simone sussurrou, já tirando a blusa fina que cobria parte de seus braços.

A roupa branca deu lugar a um espartilho de couro preto, que destacava as curvas de seu corpo e empinava seus fartos seios.

Eu não consegui falar nada, estupefato com a chance de ter aquele mulherão todo para mim. Só para mim. Estávamos no meu quarto do pequeno apartamento onde a tive da última vez. Eu sorri perante a chance de finalmente convencê-la do quanto a amo.

De pé, Simone tirou a pequena calcinha de

renda que usava e parou ao meu lado na cama.

— Você não sabe o quanto esperei por isso... —

Gemeu enquanto ajoelhava com uma perna de cada lado do meu corpo.

Olhando para baixo, notei que eu estava sem calças — e sequer lembrava de tê-las tirado.

Quando voltei a encará-la, Simone sorriu e sentou com vontade, deslizando-me por toda a sua entrada até que não houvesse nada entre nós.

Fechando os olhos e jogando a cabeça para trás, cavalgou alucinadamente, alternando sussurros incoerentes e sons de prazer. O coque que aprisionava seu cabelo foi soltando até que uma revolução de fios negros escorreu por suas costas, aderindo ao suor que escorria em gotas por todo o seu busto.

Eu queria lambar... Oh, como queria lambar a Simone inteira! Agarrá-la, puxá-la para mais

perto... Meus braços não se moviam. Eu não tinha forças para isso. Qualquer vestígio de energia que eu ainda tivesse estava concentrado em ficar duro para entrar e sair de Simone, que começava a cansar de se mexer. Maliciosa, colocou um dedo na minha boca e, então, estimulou o próprio ponto que a levaria ao estupor. Era uma amazona me cavalgando em busca da própria satisfação.

Ela gozou mordendo os lábios, deixando a marca dos dentes no batom e gemendo. Como se o gozo tivesse sido meu, a imagem de tudo ao redor ficou embaçada e adormeci.

O sol refletia através das cortinas de um elegante quarto sóbrio, escuro, masculino. Observei tudo ao redor, tentando entender como o lugar podia ser tão diferente daquele onde Simone me devorara na noite anterior e, ao mesmo tempo, tão familiar. Aos poucos, a incômoda certeza de que tudo não

passara de um sonho foi me consumindo e comecei a respirar com dificuldade.

A porta abriu e doutora Juliana entrou, seguida de uma outra senhora que eu reconhecia como a empregada que a auxiliava há anos.

— Oh! Você acordou. Que ótimo — a médica disse tão logo me viu. Se aproximando da cama, puxou o estetoscópio e auscultou o meu pulmão, apertando os olhos enrugados por trás da lente dos óculos. Virou-se, então, para a outra mulher e disse: — Edith, pegue uma bacia com água e toalhas limpas.

Com um aceno, dona Di, como sempre a chamei, saiu.

— Noite animada, Paulo? — a doutora perguntou.

Não entendi de imediato e franzi o cenho. Com um movimento de cabeça, apontou para a minha barriga, suja com o resultado do meu sonho com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Simone. Envergonhado, olhei para o outro lado.

— Ora, Paulo, não seja tolo. Sou médica há tempo suficiente para entender de fisiologia. Fico feliz de saber que *esta* parte do seu corpo não está prejudicada. — Apontou para o meu pênis. — Suas pernas, por outro lado, não parecem exatamente funcionais.

Arregalei os olhos e falei, com a mesma voz rouca do dia anterior:

— Estou paralítico? — Levei a mão à garganta e percebi que havia algo preso ao meu braço.

— Não sei. Faremos alguns exames assim que normalizarmos suas funções vitais. Dificilmente um paciente meu tem prognóstico ruim. — Sorriu orgulhosa.

Ouvi o bip de um aparelho e notei muitos eletrodos ligados em mim. Suspirei.

— Esses fios vão me ajudar? — perguntei incrédulo.

PERIGOSAS ACHERON

— Esses fios são para *me* ajudar a acompanhar sua melhora.

— Não posso ficar na cama, doutora.

— Querido, desafio você a levantar da cama e urinar. Se conseguir, assino a alta.

Olhei para as minhas pernas e fiz força para mexê-las, mas não se moveram sequer um milímetro. Soquei a cama. Eu não tinha notícias da operação ou de Simone, exceto as poucas pistas que Palito deixara no dia anterior. A agonia de não saber nem o tempo que fiquei cativo me dominava.

— Muito bem. Nada feito. Seu plano deu errado, vamos ao meu. Você sabe onde está agora, eu suponho — ela disse.

— Sim. — Rangi os dentes, um pouco mais irritadiço que o normal. — No meu quarto do seu *flat* da praia.

— Isso. No seu quarto. Ainda tem algumas roupas suas no armário. — Ela puxou o ar. — Acho

que eu sabia que você ia precisar e, de certa forma, sempre quis acreditar que aqui poderia ser o seu esconderijo secreto.

Ri, concordando com a cabeça, e ela piscou um dos olhos.

— Doutora, como cheguei aqui?

— Ah, meu querido, depois de um tempo acompanhando a sua família e os Tigroj, precisei criar uns esquemas. Tirar você daquela clínica foi mais simples do que suturar testa de criança.

Ela riu. Eu, não.

— Foram ele? Os irmãos do Clube? — Colocá-los em risco nunca foi uma opção. — Não quero eles envolvidos nisso, doutora.

— Escute aqui, senhor irritado, você não tem o que *querer* — gritou. — Eu mando aqui. Sim, sim, foram os Tigroj, mas, como eu disse, a extração foi simples demais. — Abanando com a mão, pegou uma lanterna do bolso e voltou a me examinar.

Havia algo de muito errado naquela facilidade toda de me levar da clínica. Palito não colocara ninguém na porta? Será que a doutora Juliana corria perigo?

Ela suspirou e voltou a falar.

— Antes que você pergunte, Paulinho, o tal Palito não estava lá e só havia uma mocinha na clínica, a enfermeira magrinha. Foi fácil colocar ela para dormir. Tão bonitinha, não é? Pequena, de olhos espertos...

O telefone da doutora tocou e escutei um trecho da conversa, o suficiente para entender que meu pai sabia onde eu estava.

— Não, Peter — ela disse um pouco ríspida —, não pode vê-lo. Paulo está ferido e estou cuidando dele no *flat* da praia. Isso é tudo o que você precisa saber agora. Tranquilize a Fernanda.

Meu pai pediu para falar comigo e ela passou o aparelho:

— PC?

— Pai...

— Acho bom você casar com ela.

Apertei os olhos, um tanto confuso.

— Com quem?

— Com a menina que quase me custou você.

— Não era *pra* você saber da operação.

— Não era *pra* você ter sumido — rebateu.

Bufei e ouvi o meu pai rir.

— Muito bem, falaremos sobre isso depois.

Sente muita dor, filho?

— Não. Sequer sinto meu corpo.

— Confio cegamente na Juliana. Eu e sua mãe, na verdade. Você sabe.

— Eu também, pai. A doutora é quase uma segunda mãe para mim.

— Acho melhor você não repetir isso na frente da sua mãe. Ela já está soltando fumaça aqui por não poder ir visitá-lo... Por falar nela, estou

enlouquecendo! Vou segurar a Fernanda, mas só por enquanto.

— Obrigado, pai. Acho que não sou mesmo uma visão muito boa para ela.

— Imagino que não. Mas tenho uma condição: o primeiro lugar que você irá quando sair daí é para casa. Aqui. A nossa casa e não aquele apartamento minúsculo no centro.

Concordei sem dificuldades. Eu queria mesmo vê-los.

— E... — falou incisivo, provavelmente com o dedo em riste — deve ligar para cá duas vezes por dia.

— Ok, velho.

— E...

— Não era *uma* condição? Já foram duas....

— Cala a boca, infeliz! Vou colocar todas as condições que eu quiser e você vai obedecer. Estou há três meses rodando essa merda de cidade atrás

de você e tenho meus direitos. Aliás, sou seu pai e tenho meus direitos!

Três meses foi a informação que processei de tudo o que ele disse.

Meu pai fez silêncio, esperando que eu retrucasse. Depois, soltou o ar pesadamente e contou a sua *condição número 3*:

— E você vai trazer a garota aqui.

Fiquei mudo.

— PC?

Puxei o ar.

— 'Tô falando com você, moleque!

— Não posso, pai. Não posso colocá-la em perigo de novo.

— Você a ama, PC?

Fiquei quieto de novo. Reconhecer que a amo já havia causado problemas demais para Simone, mas mentir para o meu pai era algo que eu havia aprendido, da forma mais irritante possível, a não

fazer. Em partes porque ele sabia exatamente quando eu mentia. O velho senhor Peter conseguia ler até o meu silêncio... E foi o que fez naquele instante.

— Então, você vai protegê-la. *Nós protegemos aqueles que amamos*, lembre-se do lema dos Tigroj. Fique bem, meu filho.

Ele desligou e devolvi o telefone para a médica. Dona Di entrou com a bacia e as toalhas, parando ao meu lado e olhando para a doutora Juliana, que sorriu e disse:

— Agora, Paulo, você mesmo vai limpar a sua *alegria*. — Riu com cumplicidade para a empregada. — Voltamos daqui a pouco com comida. — Fez um sinal para que a dona Di deixasse a bacia na cama e a seguisse.

— Como vou me limpar, doutora?

— Se vira, meu querido. Não mandei você se sujar. — Piscou.

Sáiram, me deixando com a maior prova da minha loucura: *vestígios da Simone*.

CAPÍTULO 8

Remédios, exames, fisioterapia... Ultrassonografias, tomografias e aparelhos de todo tipo. O *flat* mais parecia um hospital bem equipado e dona Di era uma enfermeira rigorosa, que preparava comidas *exóticas* — *próprias para convalescentes*, segundo ela, ainda que eu saiba que buchada de bode não faz bem para o coração.

— De onde eu venho, a buchada recupera qualquer um — ela dizia.

— Apenas coma o que ela servir, Paulinho — dizia a doutora Juliana. — De fato, tem muitas proteínas aí.

Eu comia tudo o que ela servia, logicamente, ou as duas seriam capazes de me deixar com fome. A doutora me visitava a cada dois ou três dias, mas a dona Di morava perto e era incumbida de preparar

tudo para mim — desde as roupas até as comidas, passando pelos remédios e limpeza da casa. É vergonhoso assumir, mas ela chegou a me banhar uma vez.

— Vou limpar você até conseguir fazer sozinho, menino — ela disse enquanto esfregava minhas costas com força suficiente para descamar minha pele. — E nem adianta ficar tímido, porque já lavei muitas cuecas sujas. Suas, inclusive!

Eu fiz sozinho no dia seguinte.

— Viu, dona Di? Posso fazer sozinho — afirmei convicto, ao que ela respondeu com seu tradicional estalar de línguas.

O *flat*, um dos apartamentos da doutora Juliana, tinha vista para o mar e foi, sim, meu refúgio por muito tempo. Depois que a conheci no hospital, depois que passei mais de duas horas conversando com ela sobre a mente humana, padrões de beleza, feridas da alma e outros pontos que ela julgou

importantes para a minha formação *como homem honrado*, comecei a fugir para sua casa sempre que queria sumir do mundo.

Passado algum tempo, ela me deu uma chave deste *flat*, que ficava mais vazio do que ocupado, e disse que eu poderia usá-lo quando quisesse. Particularmente, acredito que fez isso para que eu não atrapalhasse a vida privada dela — principalmente seus encontros *íntimos*.

Liguei para o Palito uns dias depois de deixar a clínica para onde ele havia me levado e garanti que estava bem, mas fiz questão de destacar que não estava mais na cidade e que voltaria tão logo tivesse alta. Ele pareceu convencido, ainda que tenha perguntado mais de uma vez *como* eu havia deixado a clínica *e para onde* havia ido.

Meus pais me visitaram cinco dias depois de falarem com a doutora Juliana naquela primeira vez. Pelo jeito, o velho não conseguiu segurar

PERIGOSAS ACHERON

minha mãe em casa. Deixaram uma Daytona 675 zero na garagem de presente, pronta para ser minha companheira nos próximos anos.

— Achamos a Kawasaki avariada. Consertei e dei *pro* clube. Ainda dá *pra* dar umas voltas se você quiser, mas acho que vai chamar muita atenção — meu pai falou. — É um modelo antigo, de toda forma...

— Ok, velho. Deixa lá. No clube, *'tá* bem cuidada.

Ele sorriu. Minha mãe, por outro lado, ficou um bom tempo parada me encarando como se eu fosse um fantasma. Forte como uma rocha, não derrubou uma lágrima. Por mais de uma vez, todavia, ela perguntou à doutora Juliana sobre o meu estado de saúde e a médica fez questão de garantir que eu estava melhorando.

— Ele é um Tigro. Vai se recuperar antes do esperado. Não há danos às rodas, mas a lataria está

PERIGOSAS ACHERON

avariada — a médica brincou com o seu jeito descontraído. — Mas quando a isso, não posso fazer nada. Nem pintura resolve.

Minha mãe quase a esmurrou.

— Meu filho não é uma moto, senhora. Antes de ser um Tigro, ele é um Brockester.

Assim, elas se entenderam, porque minha mãe poderia se impor para qualquer um e a doutora Juliana poderia conquistar qualquer um.

Um fisioterapeuta foi contratado pelo meu pai e, para minha sorte, era lutador de Hapkido, o que fez questão de aprender — na medida do possível considerado o tempo.

Foram longas semanas de tratamento até que a doutora me deixasse sair do *flat*.

Cinco meses.

Havia cinco meses desde a última vez que vi a Simone e a saudade que eu sentia dela fez meus sonhos virarem pesadelos. Achei que ia

enlouquecer se não a visse. Era quase assustador pensar no que a minha boneca havia sofrido nas mãos dos Caveiras. Cada noite era uma tortura e a possibilidade de o *juizinho* estar encostando nela, cantando ela, me consumia.

— Eu preciso vê-la, doutora — insistia quase diariamente quando ligava para a médica.

Até que, finalmente, ela permitiu:

— Paulinho, na balança, sua saúde física está melhor que a mental. Só por isso vou deixar você ir. Mas é bom você manter o capacete na cabeça e o lenço enrolado na boca até ter certeza de que não há perigo. Se você vai mesmo fingir que não a conhece, não tem sentido segui-la. *Nós protegemos aqueles que amamos*, meu querido. E *proteger* nem sempre significa estar do lado.

Naquele mesmo dia, à noite, peguei a moto e saí pelas ruas com um destino óbvio: a casa da Simone. O capacete preto com viseira fumê cobria

meu rosto inteiro e me permitiria andar pelas sombras, mas acredito que a batida acelerada do meu coração era mais alta do que o ronco do motor.

Não demorei a chegar, provavelmente porque acelerei mais do que o limite permitido. A luz fraca, vinda do abajur, manteve o quarto da Simone aceso por quase toda a noite. Um conversível importado todo filmado com G5 permaneceu o tempo todo lá, mas não vi os Sombras.

Aquele carro era suspeito e não havia qualquer proteção para Simone. Ela precisava de escolta constante até o fim desse inferno. Se a levarem de novo, nem sei...

Eu fiquei ali, parado em cima da moto, até quase o amanhecer e vi quando tudo escureceu na pequena casa. Ronquei a moto para partir antes que ela fosse trabalhar e me visse.

Eu não pretendia chamar atenção — ou pretendia, só a minha cabeça sabia essa resposta —,
PERIGOSAS ACHERON

mas Simone apareceu na janela por entre as cortinas.

Ela estava linda, mesmo um pouco mais magra. Os cabelos longos soltos, uma blusa de alças que marcava seu busto... Meu coração apertou e achei que morreria sufocado. Cheguei a cogitar desmontar da Daytona e ir até ela. Cheguei a cogitar pular a janela e devorá-la.

Quem saberia?

Uma pontada na perna me lembrou de quando a Simone foi feita refém por minha causa e no mesmo instante iluminou o meu instinto protetor. Eu não a colocaria em risco novamente. Busquei oxigênio para organizar os pensamentos e parti, deixando uma parte de mim naquela casa.

A maior parte de mim.

Eu não queria me afastar e, mais do que isso, não conseguia fazer isso. Pensando nela quase o dia todo, era como se um ímã me puxasse na direção de

PERIGOSAS ACHERON

Simone, como se ela fosse o mar para onde eu fluía instintivamente. Ainda assim, eu sabia que o correto a ser feito era ficar longe e essa luta contra mim mesmo seria custosa.

Desde aquele dia em que acordei no quarto imundo de uma clínica, sonho com Simone sendo levada novamente. É uma imagem recorrente na minha cabeça, um pesadelo vívido que me faz acordar gritando. Eu a vejo levando um tapa daqueles infelizes, chorando, sangue escorrendo de sua boca. Eu precisava me vingar dos malditos e não deveria mais colocá-la em risco, mesmo com toda a angústia de não poder tocá-la.

Repeti a *visita* no dia seguinte e aquilo virou quase um vício. Eu passava a maior parte da noite na porta da casa dela, mas costumava vigiar a vizinhança para onde a haviam levado também. Depois, dormia uma ou duas horas já com o sol a pino e assistia jornais, escrevia e rabiscava os

PERIGOSAS ACHERON

rostos que lembrava, sempre trancado no *flat*.

Pensando bem, as visitas à casa dela eram puro masoquismo. Ou não. Simone é minha vida e estar a poucos metros dela era como beber água, imprescindível.

Eu estava levando tudo numa boa até que, em um maldito dia de inverno, cheguei mais cedo do que o comum e por muito pouco não perdi a linha ao presenciar a cena que vinha evitando há muito tempo.

Quando o carro do Maurício estacionou e Simone, arrumada, saiu na direção dele, tive o impulso de estragar tudo. Com o coração disparado, vi o infeliz segurar na mão dela, sorrir e abraçá-la. Levantei a viseira do capacete e, por um instante, meus olhos e os de Simone cruzaram. Abaixei novamente o vidro, tentando garantir o segredo com as sombras da rua, fazendo de tudo para ela não me enxergar realmente.

Era hora de voltar ao trabalho, de deixar de ser um fantasma. A vida que eu vinha levando não estava mais servindo. Assim, liguei para o Palito e pedi para que me encontrasse em um bar perto do *flat*. Eu precisava ser atualizado sobre tudo e, a princípio, ele seria meu caminho.

— Fala, chefe, como vai?

— Remendado.

Palito sorriu e eu voltei a falar.

— Por que você me levou para aquela clínica, Palito?

— Essa é a primeira pergunta que você faz?

— É o que preciso saber primeiro, antes de perguntar outras coisas.

— Minha irmã. — Deu de ombros. — A enfermeira de lá, ela é minha irmã. — Levantou o dedo e pediu um refrigerante. — Mas como você *saiu* de lá? Parecia uma múmia com aquela cacetada de ataduras, remendos, fios pendurados,

sangue brotando...

— Pela porta. Como você me achou no cativoiro?

Palito apertou os olhos para mim e logo desviou, sacodindo as pernas ao ponto de vibrar a mesa.

— Na verdade, a doutora Simone estava perto de achar você. Ela me ligava todo dia contando o que tinha descoberto, ameaçando, reclamando e gritando. Eu, particularmente, acho ela uma ótima investigadora... — Riu, mordendo um sanduíche.

— Fui juntando as peças que ela me dava com as informações que eu já tinha, observando o entorno do lugar onde acharam sua moto, verificando o movimento. Até que estranhei o entra-e-sai de moleques em um caminho no matagal. Eles estavam sempre muito animados e riam bastante. Era só uma casa velha bem escondida e, de fora, não consegui ver nada. Nem móveis, nem nada. Ou era lá que você estava, ou aquilo era um ponto de

PERIGOSAS ACHERON

venda. Arrisquei um dia de noite e invadi. Tinha o Pintor, dois moleques e um outro Caveira, que 'tá detido, mas se recusa a falar.

Inspirei aquela informação e expirei mais uma pergunta:

— E como anda a operação?

— Morna. Depois que tirei você de lá, a casa ficou vazia. O lugar onde achamos o Roberto, perto do Depósito, é longe dali e também está vazio. E a Rainha... bom, você sabe.

— Sei o quê?

— Ela está namorando o juiz, mas é tudo basicão, nada demais. Você 'tá bem mesmo com isso?

— Não tenho motivo para não estar bem.

— Você não lembra mesmo de nada?

— Lembrar de quê? Você acha que *eu* teria alguma coisa com *ela*? — apelei para o gosto de Palito: mulheres esqueléticas, cabelo claro e jeito de

PERIGOSAS NACIONAIS

perua.

— Chefe, era *eu* na escuta quando você pegou a Rainha na sua casa. Você ficava doido quando ela se aproximava do juiz, você...

— Chega, cacete! Não tenho nada com ela.

Soltando o ar, Palito demonstrou impaciência, trincou o dente e falou, se aproximando de mim na mesa e apertando os olhos.

— Eu sei fazer o meu trabalho, cara. Você acha mesmo que não reparei que uma moto anda espreitando a porta da Rainha? — O encarei e o Palito voltou a falar, amenizando o tom de voz: — Irmão, achei que confiasse em mim.

— E eu achei que ela estava sem os Sombras.

A garçonete trouxe minha comida e ficamos mudos, nos encaramos. Eu precisava do Palito ao meu lado e, naquele momento, não havia mais ninguém em quem confiar. Ou eu me aproximava dele, ou ficaria de fora. Decidi arriscar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O lugar para onde me levaram não é no meio do mato — contei.

— Foi lá que achei você.

— Eu fui levado para um subsolo. Dava *pra* ver pés passando do lado de fora, uma janela alta. Tinha 7 caras comigo, mas só o Pintor de rosto lavado. Cervantes foi até lá e mandou me apagarem, mas eles não quiseram.

Ele batucou na mesa e deu outra golada no refrigerante antes de voltar a falar:

— Achei que você não lembrasse de nada. — Palito franziu o cenho.

— Não sei quem dedurou, Palito. Precisava saber se você ainda *'tá* comigo.

— Eu tirei você de lá!

Dei de ombros.

— Você faria o mesmo.

Depois disso, conversamos por cerca de duas horas e ele me atualizou sobre tudo, inclusive sobre

PERIGOSAS ACHERON

o corpo do José de Assis, o cliente que a Simone conseguiu liberar da cadeia e que foi encontrado no Depósito enquanto buscavam por mim.

— Ela sabe?

— Acredito que sim, mas não fui eu quem falou. Acho que ela descobriu sozinha nas visitar àquele bairro.

— E o lugar para onde levaram a Simone, no hotel velho de gringo?

Palito apertou os olhos e pareceu lembrar de alguma coisa:

— Nenhum de nós sabe onde é. Você saiu correndo do escritório do doutor Carlos e deixou a todos no escuro, sem dizer para onde ia. Foi difícil até achar a moto.

— É um hotel no bairro do João Cego. Foi lá que eu achei a Simone.

— É o mesmo bairro onde achei você. — Coçou os olhos. — Na parte mais cheia de casas, um PERIGOSAS ACHERON

sobrado velho pegou fogo no dia seguinte ao seu resgate. Morreram umas cinco pessoas lá, que não foram identificadas no IML e enterraram como indigentes.

— O hotel era um sobrado. O Portaria era um velho desdentado. Tinha uns meninos de cerca de 15, 16 anos, magrelos e caucasianos. A Simone estava sendo vigiada por seis, dentre o Pintor e os moleques.

— Provavelmente eram os mesmos moleques que eu segui até a casa velha que serviu de cativeiro.

— Estamos zerados de novo, então — reclamei.
— Não temos pistas das caça-níqueis?

— Não. Acho que eles tiveram uma baixa grande na operação de resgate. Devem estar se rearticulando.

— Só tiveram baixa de descartáveis, Palito. Os grandes estão escondidos e temos que colar no
PERIGOSAS ACHERON

juizinho.

Ele puxou o ar com força.

— A Rainha é nossa ligação com o juiz, Puma. Precisamos dela.

— Você mesmo disse que ela tinha estragado tudo da outra vez, Palito. Eu mandei colocar Sombras na cola dela.

— O Comandante não autorizou, Puma.

— E, ainda assim, você anda seguindo-a... — Trinquei os dentes, desconfiando dele mais uma vez.

Ele olhou para os lados e se aproximou para cochichar.

— Meu trabalho não acabou, parceiro. Os Caveiras a pegaram na frente dos meus olhos. Eles não vão mais me enganar. Eu vou estar na encolha, esperando eles aparecerem de novo.

— É você quem está na cola dela?

— Um *confiado*.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não confio em ninguém, Palito. Alguém abriu o bico e dedurou tudo. — Puxei o ar com força. — A Simone não sabe se defender e vamos acabar com problemas de novo. Ela precisa se afastar do juiz, sair de vez disso tudo — falei para o Palito. — Ela termina com ele e a seguimos por mais um tempo, até termos certeza de que nada vai acontecer.

— Ela é boa, Puma. Acho que devemos deixar as coisas como estão e esperar os Caveiras se movimentarem. A briga é pessoal com você. Isso é certo.

— Mais um motivo *pra* eu desconfiar do Maurício.

— Puma, a única coisa que temos contra ele é o fato de ele estar com a sua garota.

— Todos os processos terminam na Vara dele. E ela não é minha garota!

Ele balançou as mãos e continuou falando:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas a advogada se esquivava das investidas dele que nem cobra na água quente. Chega a ser engraçado e...

— Não quero fofoca, Palito. Eu não tenho nada a ver com a vida sentimental dela, mas se a tal Rainha não está envolvida no esquema, vai acabar presa também. Ela está em perigo!

Aquele assunto me incomodava demais e era preciso seguir disfarçando meus sentimentos.

— A gente livra ela na hora da denúncia. É fácil fazer isso...

— E se tiver mais tiroteio? E se o *juizinho* for realmente culpado e estiver a usando?

— O banana não vai machucar ela. Ele é otário demais *pra* isso. Tenho quase certeza que os processos caem na mão dele porque é um idiota.

— Se ela for presa, olha a merda que vai dar. Ela é civil, Palito. Vai acabar no meio da guerra. Colocar uma civil despreparada no meio da

PERIGOSAS ACHERON

operação pode comprometer tudo mais uma vez. Ela, sozinha, é gazela. O juiz está envolvido, eu tenho certeza disso. Para mim, ele é o Cervantes. Assim que o Magno foi preso, mataram ele. E foi só o José de Assis ir para a rua que mataram ele também. E tenho quase certeza que os corpos que acharam no sobrado eram dos meninos envolvidos, liberados pela DPCA. *'Tá* caindo muita gente e não podemos colocar a civil em risco só porque queremos observá-lo. Ela se afasta dele e nós o seguimos. Se eu sou o alvo, que venham atrás de mim.

— A gente precisa de alguém com *intimidade* com ele, para que o *juizinho* relaxe e entregue o jogo.

— Quem é o Sombra na cola dela?

— Dois *confiados*, na verdade. Esquilo e Chiclete. — Percebendo meu desconforto, Palito completou a informação: — Somos parceiros,
PERIGOSAS ACHERON

Puma.

— E você grampeou o telefone dela, então?

— Celular novo, grampo novo, tudo na surdina. Estamos ouvindo até as reclamações que ela faz, todas as conversas telefônicas e todo o choro de noite. Esquilo fica com o áudio ligado direto e...

— Choro?

Palito apertou os lábios em linha fina, pegou o refrigerante e bebeu todo o resto de uma vez só, direto da lata.

— Que nem criança. Alguns dias, chega a soluçar. Ela chama o seu nome também. Eu e os parceiros achamos uma boa ideia ouvir a Rainha e estamos revezando na cola dela, normalmente de dia, sem carro da corporação. A gente grampeou o celular na moita e estamos seguindo de longe. — Sorriu. — Mas você vai continuar negando que 'tá de quatro pela advogada?

— Cacete, Palito, não tenho nada com ela. Para

PERIGOSAS ACHERON

com essa porra! É só uma civil que vai atrapalhar mais do que ajudar.

— Tranquilo, chefe — ele disse, mordendo novamente o sanduíche e falando de boca aberta. — Eu vou estar aqui quando você precisar de um amigo. O juiz se aproximou da Rainha depois que você sumiu. Ficou rondando, consolando... Parece que o namoro deles é sério, ainda que não tenha nenhuma relação, bom, você sabe... — Rodou a mão no ar, insinuando movimentos sexuais e voltou a dar uma mordida no sanduíche. Trinquei os dentes, forçando o maxilar e apertando os olhos. Palito seguiu dizendo: — Eles se veem todo dia, almoçam juntos, saem nos fins-de-semana e blábláblá. Nunca ouvimos beijo nem nada demais, mas ela desliga o celular e não podemos ligar de volta sem que a Rainha desconfie. Vai que, nessas horas, o *juizinho* se dá bem, né?

Depois de me provocar bastante, ele parou de
PERIGOSAS ACHERON

falar quando levantei o dedo e pedi um *whisky*.
Palito anuiu, justificando minha atitude.

— Falou, chefe. Vamos conversar, você entorna a garrafa toda, fala o que quiser e, amanhã, volta a ser o Puma que a gente conhece.

CAPÍTULO 9

Acordei perto da hora do almoço com uma dor de cabeça do cacete, depois de apagar no sofá da casa do Palito.

— Fala aí, Puma — ele disse, entrando na sala já vestido para o trabalho e bebendo de uma xícara. — Tem café na cozinha. Pode comer o que quiser lá.

Agradei com um aceno de cabeça e ele voltou a falar:

— Tem uns comprimidos no armário do banheiro.

— Palito? — chamei o meu companheiro. — Obrigado por me tirar do cativeiro.

Ele balançou a cabeça, soltando o ar e eu voltei a falar.

— E obrigado por me escutar ontem. Você

PERIGOSAS NACIONAIS

entende que o assunto morreu, não é?

— Entendo, chefe. Sobre a Rainha, não falamos mais.

Saí de lá e fui direto para a Corporação pegar minha autorização de retorno com o Comandante, que me olhou com espanto:

— Está de volta, Paulo?

— Vou retornar ao escritório do doutor Carlos para seguir com a operação.

Ele anuiu e completou:

— Mas quero você fazendo trabalho externo. Precisamos chegar no topo do esquema rapidamente e, trancado naquele escritório, isso não vai acontecer.

— Pois não, senhor. Me reuni ontem com o Palito para receber as informações atualizadas. Obrigado, senhor — o cumprimentei com um aceno e me virei para sair sem mencionar os Sombras na cola de Simone.

PERIGOSAS ACHERON

Estava quase chegando à porta quando ele me chamou:

— Paulo?

— Sim, senhor?

— Quero você longe daquela moça, a advogada. Engoli em seco e mantive a pose.

— Não vejo motivo para ser diferente, senhor.

Ele apertou os olhos e balançou a mão, me mandando sair da sala.

Saí de lá e comi qualquer coisa antes de pegar meu trajeto para a vigília da noite, atento a qualquer presença estranha. Perto da casa da Simone, todavia, estava o mesmo conversível filmado escuro, uma BMW zero. Parei a moto a uma distância razoável e, ao invés de olhar para a janela do quarto dela, acompanhei o movimento do carro.

O juiz chegou e ela entrou no esportivo dele. Quase no mesmo instante, meu telefone tocou e

PERIGOSAS ACHERON

atendi pelo fone de ouvido.

— Puma? —ouvi a voz do Esquilo. — Rainha em movimento. Vamos na cola.

Olhei ao redor e não vi qualquer carro, além do filmado importado.

— Onde você está, Esquilo?

— Z4 preto — disse, como se aquilo justificasse muita coisa.

— De quem?

— Meu, porra. Desligo.

O carro deles partiu logo atrás do *juizinho* exibido. Eu puxei o ar, liguei a moto e voltei para o *flat*, estranhando a possibilidade de um policial ter aquele carro. Esquilo, para mim, acabava de ganhar uma marca de suspeito.

Não podia voltar para o meu apartamento, porque a lembrança da Simone, o cheiro da Simone, os gemidos da Simone estavam em todo lugar e me deixavam aturdido. Além disso, era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

necessário que permanecesse o mais escondido possível.

Ainda tinha documentos para analisar e, bom, a dúvida sobre a hora que Simone voltaria para casa estava acabando comigo. As letras se embaralhavam e formavam o nome dela, as imagens me lembravam dela e até a praia remetia a pensamentos lascivos com o corpo da minha boneca.

— Esquilo? — liguei para o Sombra.

— Sim, senhor?

— Me bate a hora do retorno — mandei.

— Sim, senhor.

Ficamos em silêncio.

— Mais alguma coisa, senhor? — ele perguntou, percebendo que eu não havia interrompido a ligação.

— Como você tem esse carro?

— É o quê?

PERIGOSAS ACHERON

— De onde saiu o dinheiro *pra* comprar uma BMW zero?

— Roubei.

Fiquei mudo, um pouco irritado como deboche, e ele mudou o assunto:

— O Chiclete vai seguir o juiz e vou ficar na sombra da Rainha.

Mais um instante constrangedor de silêncio até que eu respondesse:

— Ok. — E encerrei o assunto.

Ainda estava desconfiado, mas preferi acreditar na confiança que o Palito depositava nele.

Desliguei e abri um refrigerante, parando na varanda onde o barulho das ondas remetia a sussurros e o brilho das luzes dos postes da orla era como vagalumes em uma floresta fechada. A Simone e o *juizinho* de merda poderiam estar em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa. Afastei a imagem, que começava a me irritar e preferi pensar

em coisas mais objetivas.

— Palito?

— Fala, chefe.

— Como o Esquilo tem uma BMW zero?

Ele ficou quieto.

— Puma, para de desconfiar dos parceiros. Eu, Esquilo e Chiclete somos sua garantia.

— O carro, Palito, qual a origem?

— Confia na gente.

Desliguei com certa dor de consciência, mas também bastante desconfiado. Um policial não teria aquele carro, a não ser que fosse das antigas. E isso não era o caso do Esquilo.

Me joguei no sofá e substituí a raiva pela lembrança de Simone nua, rebolando em cima de mim, sorrindo, jogando os cabelos para trás, enfiando as unhas nos meus braços, me beijando... Foi inevitável estimular meu membro e não demorou muito até que o alívio me fizesse desabar

exausto.

Dormi pesadamente até 3 da manhã, quando o Esquilo ligou reportando a volta deles.

— Reporto o que vimos? — ele perguntou, fazendo meu lado masoquista se revirar.

Eu precisava saber a verdade. *É parte do trabalho*, repeti para mim mesmo.

— Reporte.

Ele narrou, com minúcias torturantes de detalhes, cada sorriso da Simone. Entornei mais duas latas de refrigerante enquanto ele falava e peguei outra.

— Eles chegaram, o juiz desceu, abriu a porta e acompanhou a Rainha até a porta — disse, calando como se encerrasse a narrativa. — E eles se despediram. *The end*.

Fiquei em silêncio, mas meus pensamentos gritavam de curiosidade.

— Tudo normal, senhor. Sorriso, dois beijos no

PERIGOSAS ACHERON

rosto e só — falou.

Puxei o ar e soltei com força, sem permitir que ele escutasse o quanto aquela informação era um alívio para mim.

— Não rolou nada, Puma — ouvi ele dizer e percebi que meu disfarce estava quase caindo.

— Não tenho nada com isso. Ela é gazela e só.

Eu quis perguntar novamente sobre o carro, mas achei que não seria a oportunidade ideal. Talvez, eu perdesse alguém em quem devia confiar.

Ele ficou alguns instantes em silêncio e, então, disse:

— Puma, você não me engana, irmão. Dorme tranquilo. Encerro.

Desligou.

Joguei a lata cheia na parede e fui tomar um banho gelado. Quase 4 da manhã, adormeci exausto e novamente, tive um pesadelo com o sequestro de Simone. Cada noite servia apenas para ratificar a

certeza de que ela não poderia nunca saber que eu a amo desesperadamente.

Se o *juizinho* descobrisse, se o Cervantes descobrisse, ela estaria em risco de novo. Agora, o chefe da quadrilha de jogos de azar queria me descamar e não hesitaria em usar a Simone para me atingir.

Seria uma longa operação.

CAPÍTULO 10

Tão logo o dia clareou, meu telefone tocou com o número do Palito, que conectou uma conferência com os telefones do Esquilo e do Chiclete.

— O juiz foi *pra* casa — disse o Chiclete. — Deixou a Rainha e foi direto *pra* casa.

— A Rainha está se preparando para ir trabalhar. Nossa única pista é o juiz — disse o Esquilo. — Essa história de todos os processos caírem na Vara dele é muito estranha.

— Ele é suspeito — falei. — Vocês não entenderam ainda o quanto ele é suspeito.

— Puma, ele não faz nada de errado. É um cara chato e quadrado que vai do trabalho para casa e de casa para o trabalho. No máximo, visita os pais e sai com a Rainha — Chiclete afirmou convictamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que você devia aparecer, Puma — falou o Esquilo. — Pode ser que a sua volta movimentasse as coisas.

— Eles sabem que eu 'tô vivo? — perguntei quase instintivamente. — Ela sabe?

— Tenho quase certeza que sim, mas a Rainha não conversa sobre você ou sobre a BlackJack com ninguém desde que descobriu que a promotora gata havia enganado ela — Chiclete interveio.

— Ela procurou muito por você, cara — Palito interrompeu, se dirigindo a mim. — Quase sem querer, depois que eu disse que você tinha empacotado, me deu a pista do possível bairro onde seria o seu cativeiro. Ela estava realmente perto de achar você.

Ficamos todos em silêncio.

— Eu volto hoje, mas não tenho nada com ela. Quero que fique claro para vocês, Esquilo e Chiclete, que eu e ela não temos nada.

PERIGOSAS ACHERON

Eles ficaram calados. Eram a minha equipe e treinamos juntos para depender um do outro. Por que eu tinha dificuldade em confiar neles?

— Puma, irmão, você não engana a gente. Já vimos a moto na porta da doutora mais de uma vez.

Mudei de assunto e falei para o Palito:

— Palito, é só aquilo mesmo que você tem sobre a extração?

— Nada além do que vocês já sabem. Não havia mais ninguém lá, pegaram uns moleques que não falaram nada e foram aliviados pelo Juizado. O Pintor caiu no tiroteio. Os moleques sumiram. José de Assis foi encontrado no depósito. Só.

— Nenhuma ideia de quem é o Cervantes?

— Nada. É quase um fantasma.

Desligamos o telefone. Saí para correr e, depois, parei no saco de areia querendo aliviar a pressão. Horas mais tarde, fui ao escritório do doutor Carlos de forma a discutir o meu retorno. Na verdade, esta

seria a parte fácil do meu dia. Munido da coragem de um rato, me preparei para encarar a Simone. Subi no elevador apertando as mãos no bolso da calça, sacudindo o corpo para frente e para trás. Assim que a porta abriu, meu coração quase saiu pela boca. Sentada na baia em frente a uma pilha de processos, Simone havia emagrecido muito mais do que eu imaginara. Ela coçava a cabeça, jogava o cabelo de um lado para o outro, dava nós com ele — que a desobedecia e se soltava novamente —, afundava o lápis na bochecha... Continuava linda, mesmo que seu corpo não tivesse todas as curvas que me seduziam. Como estava mergulhada na leitura de alguns documentos, segui silenciosamente para o escritório do doutor Carlos, fingindo que não a tinha visto. Bati e entrei sem esperar ser autorizado.

— Bom dia, doutor.

— Paulo! Há quanto tempo! — ele disse bem

alto e caminhou até a porta para me dar um abraço impróprio.

Me afastei, empurrando-o, e cumprimentei com um aceno imperceptível.

— Estou voltando para a operação, mas não pego mais processos daqui.

Ele pendeu a cabeça.

— Você é um rapaz bem ativo, não? Pretende usar meu escritório e não vai trabalhar?

— Isso. Como estamos acertados, vou retomar minha mesa e...

— E se eu não quiser você aqui dentro? Já colocou uma advogada minha em risco. Quem me garante que não vai colocar os outros também?

Eu o encarei, sentindo uma mistura de raiva e arrependimento, e respondi:

— Não haverá qualquer relação minha com os outros advogados. Frederico e Viviane continuarão aqui dentro e pegarão casos eventuais, aguardando

PERIGOSAS ACHERON

pacientemente os suspeitos se movimentarem. Não intercederão no seu escritório, não prejudicarão ninguém. Eu ficarei na rua, investigando outras frentes.

— Eles não participarão mais da investigação?

Franzi o cenho.

— Não posso passar mais informações, doutor. Tenho certeza de que entende os motivos.

Ele sorriu. Fiz um aceno de cabeça e deixei a sala dele, permitindo que meus olhos admirassem Simone de longe. Suspirei. Cedo ou tarde teria que me aproximar e quanto mais adiasse isso, pior seria. Parei atrás dela com as mãos dentro dos bolsos da calça.

— Simone?

Ela ficou um tempo em silêncio encarando o papel. Percebi que franzira o cenho antes de me olhar.

— Pa-Paulo? — gaguejou e, então, levantou
PERIGOSAS ACHERON

devagar e virou para mim.

Seus olhos foram subindo pelo meu corpo até me ela encarar. Senti o cheiro de shampoo de morango dominar os meus sentidos.

— É você mesmo? — ela perguntou, levantando a mão para tocar o meu peito e, depois, meu rosto, que a assustou.

Percebendo as cicatrizes, pareceu mais pesarosa do que assustada. Eu engoli em seco, preocupado com o que Simone estava pensando sobre a minha nova cara.

Sentiria nojo do que eu havia me tornado com todas aquelas cicatrizes pelo rosto e pelo pescoço?

Aspirei o perfume dela. Aquela proximidade era mais perigosa do que a tortura dos Caveiras. Eu não consegui dizer nada, concentrando minhas energias em não beijá-la até me perder — *me achar?* — nos seus lábios vermelhos, focalizando toda a minha atenção em qualquer fio de cabelo que pudesse ter

saído da bagunça perfeita que sempre estavam.

— O que fizeram com você? — Simone levantou a mão delicada e acariciou, traçando o contorno da ferida mais larga com a ponta do indicador. Por impulso, fechei os olhos. — Eu sabia que eles estavam mentindo *pra* mim. Achei que nunca mais ia ver você, Paulo... Aqueles homens eram loucos...

Percebi que a voz dela embargava e que era cristalina a visão do medo de seu coração. Sim, o caso não estava encerrado e ela ainda estava em perigo. Dei um passo para trás e me afastei do ópio que é o seu cheiro.

— Eles... — comecei a dizer.

— Você parece tão marcado... — ela me interrompeu e se aproximou novamente. — Eu-eu-eu queria cuidar de você e...

Meu coração apertou. Estava a um passo de abraçá-la — e só Deus sabe o quanto precisava

PERIGOSAS ACHERON

daquele abraço — mas proteger a Simone sempre seria a minha maior prioridade. E *protegê-la* incluía afastá-la de mim.

— Paulo? — Frederico apareceu sorridente e me abraçou de forma abrupta. — Há quanto tempo! Você voltou? Quando? Como?

Ele me encarou e percebi, naquele instante, que estava muito mais por fora dos últimos acontecimentos do que eu imaginava. Ele sequer sabia que eu havia sido resgatado.

— Como vai, Frederico? — Abracei meu companheiro e dei as costas para a Simone, limitando a despedida a um cumprimento de cabeça. Ele me empurrou para a copa e fechou a porta.

— Como você saiu de lá?

— Com os pés — respondi e ele franziu o cenho, pendendo a cabeça em estranhamento.

— Quando foi isso? O Comandante não me

PERIGOSAS ACHERON

falou nada... Você foi resgatado? Por quem?

— Frederico, em outra oportunidade, explico tudo *pra* você. Não tenho tempo agora — desconversei. — Como andam as coisas? — Fingi não saber de nada para descobrir o que *ele* sabia.

— O Comandante mandou tirar os Sombras dela. — Apontou com a cabeça para fora da copa, para Simone. — Tenho visto, no fórum, ela sempre acompanhada do juiz, mas não pareceu nada demais. Na Vara, ele condena, libera, tudo normal. A doutora faz Cível, Consumidor, Família... Os Caveiras estão jogando na surdina e não temos mais qualquer pista do lugar das máquinas. Eu e Viviane temos ordens do Comandante de acompanhar os casos, só. Acho que sobramos só nós na operação.

Frederico jogou as informações que tinha. Como eu ainda era o chefe, me devia obediência. Já eu não confiava nele, como não confiava em ninguém,

PERIGOSAS ACHERON

e fiz cara de curiosidade. Pelo jeito, o colega não sabia que Esquilo, Chiclete e Palito continuavam agindo, inclusive protegendo a Simone.

— Vamos ter que jogar o jogo deles, infiltrar mais alguém. — Frederico parecia empolgado, como uma criança que joga videogame pela primeira vez. Ansioso demais, afobado demais, agitado demais. Despreparado. — Precisamos chegar neles. Estávamos perto! Acho melhor envolvermos a menor quantidade possível de agentes. Ficamos eu, você e a Viviane.

— Não vamos infiltrar mais ninguém, Fred. Precisamos esperar uma pista.

— Foi o Palito quem tirou você de lá? Ele levou um tiro no ombro e nada foi dito sobre isso. Foi ele, não foi? Meio Rambo...

— Paulo? — Simone entrou na cozinha. — Posso conversar com você?

Frederico me olhou e maneou a cabeça, se

PERIGOSAS ACHERON

escusando para sair da pequena copa e me deixando ali, sozinho com o meu pior inimigo: o desejo.

— Como vai, Simone? Trabalhando muito?

— Eu vou bem — ela pendeu a cabeça —, mas estou realmente preocupada com você.

— Eu estou ótimo — falei procurando ser o mais descolado possível. — Não precisa se preocupar. Só vim mesmo para falar com o doutor Carlos e já estou saindo. Foi legal ver você. — Caminhei na direção da porta, mas parei tão logo ouvi a Simone soltar o ar e cochichar.

— Na sua casa, antes — engoliu em seco — antes daquele dia, você me falou uma coisa. — Virou, procurando meus olhos e eu a encarei.

Senti calafrios. Eu queria ter essa conversa com ela, explicar o quanto a amo, o quanto ela importa para mim, o quanto meus sentimentos são verdadeiros. Mas não assim, não ali, não tendo que mentir... Eu precisaria enganá-la, partir seu coração

para que Simone se afastasse de mim.

— Minha casa? — Fiz cara de espanto.

— Vo-você não lembra? — ela gaguejou e pendeu a cabeça, apertando os olhos para ler os meus.

— Lembrar de quê?

Notei que Simone soltou os ombros desanimada.

— Do que você me disse, Paulo... — Ela se aproximou mais um pouco e meus olhos foram atraídos pelo batom vermelho.

Percebi que faltava pouco para perder o juízo. Com ela, sempre faltaria pouco.

— Não lembro de você ter ido ao meu apartamento. — Desviei os olhos e franzi o cenho. — O que eu disse?

— Você disse que-que... Eu briguei com você e... você não lembra mesmo?

— Não.

— Talvez eu estivesse certa. — Os olhos dela

PERIGOSAS NACIONAIS

baixaram, marejados. Simone estava quase chorando e eu dificilmente aguentaria ver isso. — Mas você disse, lá no cativeiro, que... — Suspirou. — Acho mesmo que estava me iludindo com tudo e... — Puxou o ar novamente, já com o nariz entupido. — Me desculpe, Paulo. — Ela limpou os olhos com a ponta do dedo, tentando não me deixar ver que chorava. — Desculpe por ter posto você em perigo.

Ela me colocou em perigo?

Eu a coloquei em perigo! Voltei a encará-la, sem disfarçar a ternura.

— Tudo bem, Simone. É o meu trabalho. Ainda não entendi por que pegaram você, mas tenho certeza de que não foi você quem me colocou em perigo...

— Você foi sozinho por minha causa.

— Eu iria sozinho por qualquer inocente.

Ela engoliu em seco e desviou os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo. Claro. Você é um policial. Então, é isso. Eu queria agradecer por ter me salvado. — Virou para sair e segurei seu braço.

Simone fechou os olhos, permitindo que uma lágrima escorresse por sua bochecha.

— Fique longe de tudo, Simone. Longe de mim, da operação, da Vara Criminal, do Maurício... Longe.

Mordendo os lábios, ela me encarou e engoliu o choro, parecendo irritada.

— Tarde demais. — Puxou o braço e saiu.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11

Tarde demais? Como tarde demais? Deixei a copa e com o objetivo de pressioná-la por respostas. Tarde demais? Isso é o que nós veríamos!

Peguei o telefone e liguei para o Esquilo.

— Esquilo, me encontra na sede.

— Já 'tô aqui, Puma — respondeu. — O Comandante me chamou.

Desliguei antes mesmo de ele responder. Me despedi de todo mundo, subi na moto e fui cortando os carros, acelerando pela rua. Quando cheguei lá, Esquilo me esperava na minha sala.

— A Simone está na operação?

— Calma, Paulo, o Comandante ligou *pra* mim agora de manhã e mandou acompanharmos ela. Parece que será incluída e...

— Porra nenhuma!

Saí da sala sem esperar mais nada. Peguei o elevador direto para a sala do meu chefe, bufando, perto de matar qualquer um que cruzasse meu caminho. Empurrei a secretária e abri a porta sem bater, sem cumprimentar, sem educação. Estava perto de perder meu distintivo.

Dane-se!

Eles não iam usar a Simone de novo.

— A Rainha 'tá fora — falei incisivo.

— Bom dia, Paulo — ele respondeu.

Sentada à sua frente, estava a Promotora Saltinho, como Simone a chamava.

— Tatiana?

— Olá, Puma.

— Ela sabe? — Apontei com a cabeça para a magrela.

— Paulo, conheça Tatiana, a Gata, oficial da Inteligência. Ela vem trabalhando no Ministério

Público para investigar a corrupção lá dentro.

— Como é? — me assustei.

— A Tatiana veio me procurar há uns meses, pouco depois que você sumiu, e juntamos as peças das duas operações. O chefe da área criminal do Ministério Público mandava os casos sem provas para aquela Vara e é o principal suspeito da operação da Inteligência do MP. Por isso, a Tatiana foi designada para lá, com o trabalho de continuar com os processos a qualquer custo. Só não sabemos ainda quem o está ajudando e, mais do que isso, quem entregou a sua identidade.

— Já sabemos quem é o responsável pela distribuição de todos os processos para aquela Vara. Um serventuário, Juscelino Cremalino, que está envolvido.

— E por que não pegamos ele?

— Porque precisamos de rastro.

Cocei o cabelo e voltei ao assunto que me levara

ali:

— E o que a Simone tem com isso tudo?

— Desde que começou a se envolver romanticamente com o juiz, ela é pessoa de interesse. Eu estava observando de longe, mas com o seu retorno, acredito que os Caveiras podem agir novamente e aquela moça vai ajudar a gente. Eles foram surpreendidos com o seu resgate e podem tentar pegá-la novamente. Dessa vez, acho que nenhum de vocês dois terá tanta sorte. Preciso estar a par de tudo e o Maurício ainda é uma pessoa suspeita, por conta de sua ascensão abrupta. Usei todas as armas que tinha e não consegui sair com ele — Tatiana interveio. — Ele gostou da Rainha e a gente precisa de alguém na cola dele *pra* tentar descobrir alguma coisa, *pra* ouvir alguma coisa que nos leve a algum lugar.

— A Simone vai terminar com ele. Ela *'tá* fora do jogo. Eu não quero ela nisso. Ela já foi pega e

PERIGOSAS ACHERON

vão pegá-la de novo. Se você desconfia tanto dele, isto é só mais um motivo para a Simone cair fora. — Me exaltei e a Promotora bufou, dando as costas para mim.

O Comandante decidiu falar:

— Sugiro você controlar as emoções, garoto. Ela foi envolvida na operação e não sabemos ainda se o Cervantes a viu.

— Ela não foi envolvida em porra nenhuma.

— Ora, Paulo, convenhamos. Desde o caso do Magno, ela já estava envolvida.

— Não!

— Sim, e continua envolvida, só não sabe disso

— Tatiana falou. — Para ela, você sentia ciúmes do juiz. Só.

O Comandante se afastou da mesa e virou para a janela.

— No fim das contas, eu só quero que tudo continue como está — falou o Comandante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E como está? — eu quis saber.

— Ela namorando o juiz, o Esquilo seguindo, grampo no celular. Simples.

Voltou os olhos para mim:

— Sim, eu sei que ele está seguindo a moça com aquele carro chamativo que dirige.

Rangi os dentes.

— Ele só está garantindo que ninguém voltará a levá-la. Era uma proteção até ela se afastar de tudo de uma vez por todas.

— Ela *não vai* se afastar. Eu quero que esse namoro dê certo.

— Precisamos que ela siga em frente, Paulo— a Gata falou.

— Porra nenhuma — respondi para ela e, então, virei para o meu chefe. — Comandante, a Simone vai ser pega de novo. Eles bateram nela, merda!

— Um tapa ou dois não vai matar ninguém — ele respondeu e eu dei um passo para a frente,

PERIGOSAS ACHERON

prestes a provar para ele que um tapa pode doer bastante. — De mais a mais, foi a sua irresponsabilidade que colocou ela em risco. Você deu bandeira demais, *Puma*. Nem parecia você mesmo quando estava perto dela. Cadê aquele controle que tem, o que justifica esse apelido?

— Perto dela, você era um idiota — a promotora completou, dando de ombros. — E ainda é, pelo que vejo. Deu bandeira até na frente do juiz de quem você desconfia. Tenho quase certeza de que foi você quem entregou a escuta.

Eu rosnei, mas sabia que ela falava a verdade. Simone era a ventania que derrubava minha muralha. Perto dela, aliás, minha muralha era um castelo de cartas. Era, porque eu preciso ser forte exatamente por ela. Para ela não ficar em perigo, não posso mais dar mole. *Eu* preciso ser a muralha *dela*.

— Nada vai acontecer, Paulo — disse a

PERIGOSAS ACHERON

promotora, ainda encostada na janela de braços cruzados.

— Se a Simone continuar, eu saio — arrisquei.
— Quero ela longe dele.

Percebi que o Comandante trincava os dentes e tive certeza de que ele concordaria comigo. Voltando para perto da mesa, pegou uma caneta e começou a anotar qualquer coisa em um papel. Sem me olhar, disse:

— Pode deixar o distintivo e a arma na mesa antes de sair. Você 'tá de férias forçadas, não remuneradas, até o fim da operação. — Levantou o documento na minha direção. — Se eu souber que você se aproximou da advogada, mando prendê-lo por obstrução.

Gelei. Se eu saísse, não poderia cuidar da Simone e o meu chefe sabia disso. Ele sorriu, suspirou e voltou a falar, coçando a testa:

— Presta atenção, garoto. Todo mundo acha que
PERIGOSAS ACHERON

você perdeu a memória — falou e, interrompendo o próprio raciocínio, me encarou: —, o que nós sabemos que é mentira. Enfim, por enquanto, o *juizinho* parece gostar de verdade da moça. Ela é a chave *pra* gente chegar nele. Então, fica na surdina, fingindo de morto e acompanhando de longe. Protege a sua namorada de longe. Quando acabar, quando a gente pegar o Cervantes, você conquista ela de novo.

— Comandante, e se o Maurício não for o Cervantes? Eu não reconheci a voz dele.

Rasgando a minha ordem de férias, disse:

— Não acho que ele seja, mas o rio deságua nele. Há um esquema que envolve bastante gente importante e eu tenho quase certeza de que o Maurício é uma peça chave, assim como o chefe da área criminal do MP. Aquele juiz é estranho, de toda forma. Mesmo que não seja o Cervantes, tem algo errado com ele. O carro dele, a titularidade

precoce àquela Vara...

Eu puxei o ar com força e o Comandante voltou a falar.

— A partir de hoje, a operação conta com você, a Gata, o Esquilo, o Palito, o Chiclete e só. Um na cola da Rainha, os outros investigando.

— E o pessoal do escritório do doutor Carlos?

— Eles não sabem de nada. — O Comandante colocou as mãos nos aros da cadeira e rolou para trás, manobrando-a até parar à minha frente. Apertando os olhos, do jeito que fazia quando pretendia encerrar o assunto, afirmou: — Até descobrirmos como a Rainha foi pega e quem dedurou a sua identidade, ninguém naquele escritório sabe de nada. Para todos os efeitos, a BlackJack está fria.

Rangi os dentes e falei:

— Ela precisa de guarda 24 horas e não só o Esquilo. Quero cinco caras a seguindo. Cinco

PERIGOSAS ACHERON

ninjas, que sobem em prédio, esquivam de tiro e matam sem arma. E só os melhores.

— Não — o Comandante respondeu laconicamente. — Você não está exatamente em condições de exigir nada, garoto. A operação esfriou porque você deu bandeira. Estávamos perto do esquema e você se envolveu com uma testemunha.

— Ela não pode ficar desprotegida assim, Comandante — rosnei. — Se ele não for o Cervantes, pode ser apenas um peão que será chantageado com a Simone, como eu fui. Ela pode correr ainda mais riscos. Ela precisa de mais gente cercando.

— E eu preciso de uma operação tranquila. Quanto menos gente envolvida, melhor. Não podemos chamar a atenção. Preciso de homens em quem possa confiar. E, por enquanto, são vocês quatro e a Gata. A Simone não sabe de nada e, se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocarmos muitos Sombras na cola, os Caveiras vão descobrir que ela 'tá grampeada de novo. Deixa a advogada seguir o rumo dela normalmente. Ela vem fazendo casos Cíveis, longe da Criminal e a gente se liga nas informações através das escutas.

— E se pegarem ela?

— Pegamos eles.

— Eu vi o rosto dos capangas, Comandante...

Vocês precisam de mim tanto quanto dela.

— Garoto, você não viu o rosto deles. Apenas do Pintor, que morreu. De mais a mais, pelo que falou em depoimento, todos estavam com máscaras.

— Eu ouvi a voz do Cervantes.

— Ótimo. Se ouvir de novo, me avise — falou laconicamente, virando de costas para mim e movendo-se de volta para a mesa. — Agora, vá.

— Posso ajudar mais do que ela. Posso me infiltrar e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu vou perder você de vez. Vou colocar você na geladeira, garoto, se continuar insistindo. Palito acompanha você.

— Não preciso disso. Me viro sozinho. Aloca o meu *back* na proteção dela.

A promotora riu e meu chefe coçou a cabeça.

— Vou colocar um cara atrás dela quando estiver na rua e só, Paulo. O Palito anda na *sua* cola. Ele já mostrou que é mais do que capaz.

— Então, o Esquilo e o Chiclete ficam atrás dela mesmo quando estiver no trabalho.

O Comandante apertou os olhos com dois dedos, soltou o ar e concordou com a cabeça.

— Pois bem. Mas eu quero essa operação limpa, sem imprensa, sem internet, sem corpo abandonado. Quero limpo, todos eles na cadeia, estamos conversados?

— Se encostarem na Simone...

— Operação limpa, garoto! E tem mais, Puma.

PERIGOSAS ACHERON

Arqueei a sobrancelha, esperando ele dizer o que *mais* poderia ter.

— Pare de rondar a casa dela.

— Eu não...

— Não sou idiota, garoto.

— Eu não estou rondando nada.

— Você acha mesmo que eu não descobriria que você vai quase toda noite com aquela moto barulhenta para a porta da casa da advogada? Para mim, é você quem a coloca em perigo.

Balancei a cabeça concordando com ele e usando toda a minha prática em pôquer para blefar. Se encostarem na Simone, faço um Santo André e arregaço eles. A Tatiana entendeu a minha tática e fez que não com a cabeça, quase lendo os meus pensamentos. Eu sorri para ela e pisquei.

— Puma — a Gata me chamou —, é melhor que a Simone continue achando que você não lembra dela. Já que você não contou, é melhor que fique

assim. Não podemos correr o risco de ela terminar com o juiz.

— Não sei se ela vai engolir isso por muito tempo — falei, soltando o ar.

— Se vira, garoto. Quanto menos gente souber dessa sua fixação com a doutora, melhor — finalizou o Comandante, voltando os olhos para o computador.

CAPÍTULO 12

Ela sorria pra mim, perguntava se eu lembrava de algo... Lembrar? Eu não só lembrava, como também fantasiava. Olhar para ela me fazia feliz de uma forma que jamais poderei explicar.

— Agora, Puma, eu e você vamos jogar pôquer

— Simone disse para mim, com a cara mais lavada do mundo e aquele decote que me deixava doido.

— Você sabe jogar?

— Hum-hum — murmurou, enquanto nos servia de Dry Martinis.

Eu vestia terno completo, inclusive colete, enquanto ela estava apenas de vestido e sapato de salto. Não seria um jogo muito honesto.

— Tradicional? — perguntou e eu concordei, porque concordaria com qualquer condição que

ela colocasse.

Simone deu cinco cartas para cada um de nós. Saquei um Straight e sorri. Ela abriu um Flush e piscou.

Levantei, tirei a gravata e entreguei para ela, que arrumou ao redor do próprio pescoço.

— É assim que vamos jogar? O que um tirar, o outro veste?

Ela sorriu, sem responder. Repetimos e, mais uma vez, ela ganhou. Tirei o blazer e Simone lambeu os lábios, deixando o batom ainda mais brilhoso. Percebi que meu corpo começava a reagir e ajeitei a calça. Notando meu desconforto, Simone colocou as cartas novamente, mas apenas para ganhar e apontar com os olhos para a minha calça.

Dei de ombros e tirei o sapato, ficando com as meias.

Na quarta rodada, ela perdeu — o que, tenho

certeza, foi de propósito. Tirando os sapatos, sorriu para mim e sentou novamente. Por baixo da mesa, seu pé subiu pela minha perna até massagear meu pênis com uma habilidade que eu jamais imaginei que pés teriam. Fechei os olhos e ela deu as cartas, sempre sorrindo e sempre lambendo os lábios.

Por cima do leque aberto, percebi que seus olhos reluziram e antes mesmo de saber que eu tinha perdido, abaixei o zíper da calça. Ela arqueou as sobrancelhas e eu levantei, tirando a peça e ficando apenas com a cueca boxer.

Quando ela abaixou, sua formação era péssima. Ela teria perdido. Sorriu maliciosa e deu de ombros.

Aquilo estava me deixando louco. Eu queria encostar nela e possuí-la em cima da mesa.

Mais uma vez eu percebi um dos pés de Simone me massagear. Desta vez, entretanto, ela

colocou os dedos por baixo da cueca e encostou diretamente na minha ereção, brincando com ele e começando a rebolar na própria cadeira.

Eu tinha certeza que ela estava roubando e, honestamente, não me importei nem um pouco com isso.

Perdi mais uma vez e tirei o colete. Na seguinte, a camisa.

Por fim, eu vestia cueca e ela, o vestido com a minha gravata.

Simone baixou uma quadra de ases e sorriu. Então, eu exibí meu Royal Flush de Copas e, vitorioso, arqueei a sobrancelha para ela. Era hora de tirar o vestido e ficar apenas com a roupa de baixo.

Simone levantou, sorrindo, e caminhou, parando perto de mim e virando de costas. Os cabelos cobriam o zíper do vestido preto, que ia até o quadril. Apertei sua bunda antes de subir pelas

laterais de seu corpo, até o início daquela linha de fecho. Franzii o cenho ao perceber que ela não usava nada por baixo e meu pênis ficou ainda mais rígido. Me olhando por cima do ombro, ela mordeu os lábios e fez cara de inocente.

Eu sentia meu corpo todo latejar. Fiquei de pé e encostei nela, aproveitando para passear as mãos por cima do vestido até o bico de seus seios. Encostei o nariz em seu pescoço e inspirei profundamente. Ela jogou a cabeça para trás e encostou em mim, permitindo que eu a beijasse enquanto estimulava seus mamilos.

Simone rebolou de forma lenta, apenas o suficiente para que eu tivesse certeza do quanto me queria. Desci a mão pelo corpo dela e parei nas coxas, onde terminava o vestido. Subi com o tecido tocando-a dentro das pernas dela até encontrar sua zona mais quente, que estimulei

suavemente com o dedo enquanto a beijava. Ela gemia na minha mão, rebolando e me excitando ainda mais enquanto umedecia meu dedo com seu prazer.

Subi o resto do vestido e revelei sua bunda, que encostou na minha cueca e me fez lamentar não ter perdido no jogo. Lendo meu pensamento, mas sem virar de frente, Simone foi descendo a minha boxer até o chão, empinando a bunda para mim até estar totalmente curvada. Minha ereção quase a possuiu daquela forma, mas eu segurei e pincelei sua vagina com a ponta úmida do meu pênis.

Ela levantou devagar e se insinuou em mim mais uma vez. Soltei a minha gravata, que ainda estava em seu pescoço, e amarrei as mãos dela atrás de seu corpo. Empurrei Simone no tampo da mesa sobre as cartas, abri suas pernas e descí lambendo seu ânus enquanto a penetrava

com os dedos, estimulando seu ponto úmido e fazendo-a rebolar na minha cara até que gozasse.

Mantendo-a atada, fiquei de pé atrás dela e a penetrei com força uma, duas, três vezes, deslizando para dentro e para fora primeiro de forma delicada, depois com força, segurando a gravata que amarrava suas mãos e agarrando sua cintura para trazê-la ainda mais para perto, de forma a entrar ainda mais profundamente.

Perto de explodir, saí de dentro dela e jorrei em sua bunda todo o fruto do meu desejo. Depois, desatei suas mãos e caí esgotado, cobrindo-a com meu corpo e sentindo o compasso afinado das nossas pulsações.

— O que vamos jogar da próxima vez?

Acordei com a respiração acelerada, guardando a imagem de Simone satisfeita esparramada em cima da mesa da sala do meu apartamento.

O telefone tocava e eu coloquei a mão na mesa de cabeceira para pegá-lo:

— Puma? — falou o Frederico. — Precisamos conversar.

Olhei para o relógio e ainda não eram nem 6 da manhã.

— É muito cedo, Frederico.

— Eu quero voltar *pra* operação.

— Você saiu?

— Não se faça de otário, Puma. Eu sei que o Comandante me congelou. Não fui eu quem falou da Rainha. Não fui eu, porra!

— Fred, não sei do que você *'tá* falando.

— A Viviane... Foi a Viviane, Puma. Ela ficou irritada com a Simone e entregou ela *pros* Caveiras.

Sentei na cama, coçando os olhos em estado de alerta.

— E por que ela estava irritada?

— Porque a Simone não cumpriu o que a gente

mandou.

— Ela te falou que entregou a Simone?

— Não, mas só pode ser! Não fui eu. Só pode ter sido ela.

Rangi os dentes.

— Frederico, não sei do que você 'tá falando. Qualquer reclamação, sugiro falar com o Comandante.

Odeio dedo-duro.

CAPÍTULO 13

Tão logo o dia clareou, peguei a moto e parei na porta da casa da Simone. Era um sábado e eu planejava visitar meus pais, mas queria vê-la antes. Fiquei um tempo parado, uma ou duas horas talvez, e imaginei que Simone ficaria em casa, mas o carro de Maurício estacionando na porta dizia outra coisa. O pai dela abriu e o juiz entrou depois de apertar a mão do *sogro* e cumprimentar polidamente a *sogra*.

Peguei o telefone e liguei para o Esquilo.

— Onde você está?

— Andando atrás da doutora.

— Ela não está em casa?

— Não. Caminhou na praia e, agora, está no shopping. Eu não suporto isso aqui. — Puxou o ar pesadamente. — Acho que ela vai embora daqui a

pouco.

— Ok. Juiz *'tá* na casa dela. Vou descobrir por quê. Desligo.

Esse juizinho imbecil 'tá indo longe demais, pensei e a curiosidade para descobrir o que o maldito havia ido fazer na casa de Simone dominou meu juízo. Desliguei o telefone, tirei o capacete e, sorrateiramente, pulei o muro da casa até parar embaixo da janela da sala.

Patético, claramente idiota, eu estava me tornando um bobalhão.

Trabalho, pensei, e me coloquei a escutar as introduções e abobrinhas que o juiz falava para enrolar o outro.

Passadas as amenidades iniciais, quando as gentilezas vão acabando, o café começa a esfriar e não há mais assuntos em comum, o pai de Simone tomou a frente:

— Então, você é o rapaz que vem namorando
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha filha?

— Sim, senhor.

— Você tem vindo aqui todo fim-de-semana, traz minha filha quase todo dia... Deve saber que ela não está. O que veio fazer aqui?

— Conversar com o senhor — disse com a voz engrossada. Pigarreou e, em tom solene, afirmou: — Eu quero casar com ela.

Ca-casar? Como? Arregalei os olhos. Aquilo estava indo longe demais!

O mundo ficou em silêncio e senti o cheiro da fumaça do fumo de rolo que o pai da Simone costumava acender. Depois de um breve instante, ouvi a voz da mãe dela que, todavia, não parecia nem um pouco animada com aquilo tudo:

— Isso é ótimo, eu acho — afirmou vacilando.

— E o que a Simone acha disso? Você já perguntou para ela? — o senhor José Cláudio quis saber.

PERIGOSAS ACHERON

— Ainda não. Esperava que pudesse conversar com o senhor antes.

— Por isso veio em um momento em que ela não está? Tem medo de quê, meu jovem?

— Temo que ela não aceite. Acho que o coração dela ainda pertence a outro.

— Ele tem razão, sabe? — A voz baixa de Simone falou ao meu lado.

Levantei de sobressalto e a encarei, receoso que alguém dentro da casa pudesse me ouvir.

— Si-Simone? — cochichei.

— O que você está fazendo aqui no jardim da minha casa, Paulo?

— Eu estava seguindo o Maurício e vim parar aqui.

Ela levantou a sobrancelha e cruzou os braços.

— Mentira.

— Acredite no que quiser, Simone. Seu noivo está lá dentro. Vou deixar esse momento íntimo de

vocês.

Virei as costas e me preparei para pular o muro de novo.

— Eu esperei você voltar, Paulo. Eu procurei você por muito tempo. Eu-eu queria ouvir você dizer aquilo mais uma vez.

Fechei os olhos, sentindo meu coração partir em mil pedaços quando a voz embargada dela denunciou sua tristeza.

— Eu queria dizer que...

— Não chore, Simone. Eu não sou homem pra você — eu disse ainda de costas.

— Você lembra, então — afirmou.

— Só o que me contaram — menti, virando para ela sem encará-la.

— Você não lembra de mim?

— Simone? — Ouvimos a voz do pai dela, vinda de dentro da casa.

— Vá — ela falou em tom baixo, porém firme.

— Não acho que tenhamos muito o que conversar e não sei se é uma boa você ser visto fofocando a minha casa.

Entrando em casa, a mulher da minha vida nem olhou para trás. Eu fiquei ali, de pé no gramado, sentindo o sangue fluir em mim como estilhaços de bala, rasgando tudo por dentro. E o mais incrível de tudo é que as lágrimas dela doeram muito mais em mim do que qualquer coisa que tenham feito enquanto estive em cativeiro.

— Maurício? — ela disse tão logo a porta fechou, antes mesmo de eu pular o muro para fora.
— O que veio fazer aqui?

Não resisti e voltei a olhar pela janela. Então, vi quando o maldito colocou a mão no bolso e ajoelhou à frente dela, exibindo todos os clichês românticos de filmes mamão-com-açúcar.

— Simone, eu sou apaixonado por você. Desde que nos reencontramos há alguns meses, meu peito

PERIGOSAS ACHERON

se alegra com seus sorrisos e meu coração bate forte com a sua voz. — Abriu a caixa, mostrando que compensaria a falta de amor dela com joias caras. — Eu-eu queria pedi-la em casamento.

Novo silêncio e prendi a respiração, até que senti que estava morrendo. Pulei o muro antes de ouvir a resposta e fui para a casa dos meus pais, onde cheguei depois de um tempo dirigindo um pouco rápido demais, provavelmente duas ou três multas por excesso de velocidade que me fariam perder a carteira de habilitação.

Cheguei a um momento em que não sabia mais qual era a minha prioridade: a operação para dismantelar o esquema de jogos e corrupção ou a Simone.

As noites em claro observando a casa dela ou vivendo o tormento de pesadelos vívidos eram como pequenas cápsulas de veneno destruindo minha capacidade de pensar. Eu não tinha mais

PERIGOSAS ACHERON

ideias e a fixação com a rotina da Simone resumia a minha própria rotina. Agora, estava prestes a perder o que talvez fosse a única coisa capaz de me fazer desestressar: a possibilidade de dirigir a moto.

— PC? — disse meu pai tão logo abriu a porta.

— Está tudo bem, meu filho?

Eu o abracei e, surpreso, ele tentou me empurrar antes de retribuir o gesto. Ficamos um tempo assim, com a porta aberta e o nariz enfiado no ombro um do outro, até que senti alguns tapas leves nas costas e me afastei.

— O que houve?

— Não estou bem, pai.

Ele anuiu.

— Eu sei. — Engoliu em seco. — Vou ligar para os irmãos. Me encontre na garagem.

Em pouco mais de 30 minutos, um grupo de 17 Tigroj se reuniu na garagem do meu pai com planos consistentes de proteger a Simone, inclusive de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. Principalmente de mim.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

Fazia alguns dias desde que eu não via Simone e, por entenderem que seria o melhor a fazer, os Tigroj não me davam notícias dela.

O doutor Carlos continuou insistindo para eu fazer outras coisas para *disfarçar* minha presença ali, principalmente perante os estagiários. Tivemos uma conversa estranha, até que ele finalmente entendeu que não sou subordinado a ele.

O Comandante, por outro lado, me cobrava resultados. Quem era Cervantes? Onde os jogos estavam instalados? Onde era o novo Depósito? Muitas perguntas, uma resposta: *não sei*.

De forma a buscar pistas, eu passava o dia no fórum, assistindo audiências na Vara Criminal onde o Maurício era juiz e em outras, vasculhando casos sem provas. O relacionamento dele com Simone

não frutificava nada além de estimular meu ciúme. Talvez, eu mesmo precisasse assumir uma posição ativa na investigação.

Certo de sua participação no esquema — e decidido a tomar para mim todo o risco da operação, evitando que Simone precisasse se envolver ainda mais, esperando que ela terminasse o namoro com ele tão logo a BlackJack acabasse e eu pudesse expressar o quão profundo é o meu amor por ela — me aproximei dele e, *por coincidência*, passei a encontra-lo nos corredores, lanchonetes, restaurantes. No púlpito, o maldito exibia a enorme aliança de noivado e mais de uma vez foi parabenizado pelos advogados do lugar. Um dia, resolvi bater na porta de seu gabinete.

— Maurício?

— Paulo, como vai? A Si me contou o que aconteceu.

Si? Meu estômago doeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é, mas passou. Soube que vocês estão noivos... Parabéns! — Ofereci a mão para que ele apertasse.

Um tanto desconfiado, aceitou o cumprimento.

— Obrigado, mas infelizmente o meu sucesso com ela foi alcançado às suas custas. Se você não tivesse sumido...

— Maurício, todos repetem a mesma coisa, mas não lembro de ter qualquer envolvimento com ela. Ao que me consta, éramos apenas colegas de escritório.

Ele sorriu.

— Agradeço sua gentileza, mas isso realmente não afasta a culpa que sinto, especialmente quando olho para o seu rosto todo marcado.

Achei melhor mudar de assunto.

— Então, eu vim porque preciso que trabalhemos juntos. — Era um risco, mas precisava fingir confiar nele.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, em que posso ser útil?

— Há mais processos sem provas? — perguntei abruptamente.

Ele franziu o cenho.

— Não que eu lembre. Acho que a Tatiana conseguiu forçar as investigações e só manda casos bem instruídos.

Na verdade, ela não havia recebido mais casos sem provas. Ele não precisava saber disso.

— E aqueles dois casos, do senhor Carlos Magno e do senhor José de Assis, ambos acusados de matar a mesma pessoa, alguma novidade?

— Não, mas sabe, Paulo, o que eu acho estranho é que a tal *mesma pessoa* não foi reconhecida por ninguém e sequer tem registro de seu enterro. Para todos os efeitos, era um indigente. Como podemos supor que um indigente assassinado por um era o mesmo indigente assassinado pelo outro? E mais: não é estranho matarem pessoas desconhecidas

naquele local?

— Entendo sua dúvida, mas creio que a associação entre os crimes se deva às muitas semelhanças encontradas. Data, local, *modus*...

— Juridicamente, não posso dizer que mataram a mesma pessoa se não posso identificar a vítima. A única alternativa seria um flagrante perfeito.

Ficamos em silêncio até que ele levantou e serviu um café para si. Apontando para a xícara com a cabeça, quis saber se eu aceitava. Aceitei e Maurício sentou no sofá, indicando para que eu me acomodasse à sua frente.

— Paulo, há algo de estranho e, agora, vou falar como um cidadão que gostaria que a polícia solucionasse um crime. Todos os processos foram direcionados para o escritório do meu pai como *pro bono*. Não temos falta de pessoal na Defensoria Pública e só os casos daquele bairro foram direcionados para lá.

Franzi o cenho.

— De fato. Eu não havia pensado nisso.

— Não posso investigar essa questão, mas acho que você deveria.

— Nesta parte, na distribuição do *pro bono*, não seria você a autorizar?

— Não sou o único juiz desta Vara.

— Mas é o titular...

— Justamente por isso, algumas questões menores são resolvidas pelo Substituto. Entenda, Paulo, eu não desconfio do meu pai. Os processos foram direcionados para o escritório dele, mas não para *ele*. Todos foram atribuídos ao doutor Marcelo, sócio de lá.

Fiz que sim com a cabeça e engoli algumas questões que tinha. Mal ou bem, ele era o juiz nos casos do escritório do pai. Mal ou bem, era ele quem analisava os processos. Como dizia o Comandante, tudo desaguava em um juiz muito

PERIGOSAS NACIONAIS

jovem titular de uma das principais Varas Criminais do Tribunal.

Ainda ficamos um tempo ponderando sobre possibilidades, mas a minha conclusão foi a de que deveria observar o advogado-chefe. Por mais que os processos fossem atribuídos ao sócio dele, sempre terminavam nas mãos do doutor Carlos e do Maurício.

Reportei minha conversa ao Comandante, que achou por bem eu me aproximar ainda mais do Maurício, liberando poucas informações e colhendo o máximo que conseguisse. A pior parte disso tudo é que o namoro do *juizinho* com a Simone seguia firme e forte. Eu passava por uma crise severa de abstinência. Ela era a droga que me mantinha vivo e estar longe dela parecia infinitamente pior, principalmente quando via os dois arrulhando como malditos pombos apaixonados, planejando um casamento que eu repudiava com todas as forças.

PERIGOSAS ACHERON

E nem era só ciúme. Ele era suspeito em uma série de crimes. Como eu deixaria a mulher que amo casar com ele?

Nenhum processo estranho foi distribuído para a Vara onde ele atuava, Palito não reportava nenhum movimento do bairro onde me achou e Chiclete, que seguia no bairro onde começamos a operação com a morte do Roberto, também não. Algo me dizia que eles haviam deixado aquele ponto e instalado a casa de jogos em outro.

Quase todo dia, eu saía do trabalho e passava na casa dos meus pais, tentando ouvir algo de novo dos Tigroj. Eles reportavam o que achavam importante — nada que eu achasse importante — e eu engolia a raiva, ouvindo-os com o máximo de paciência.

— O juiz a leva para casa quase todo dia. Nos fins-de-semana, costumam ficar lá.

— Acho que é melhor alguém seguir ele —

falei.

— Estamos na cola dele, mas o homem é um banana, PC — disse um Tigroj que era amigo do meu avô, de cabelos brancos e a jaqueta jeans meio rasgada.

— O homem não faz nada demais além de trabalhar e passear com a sua garota. — Riu um irmão debochado.

— Ela não é a minha garota...

— Então, podemos deixar a advogada em paz?
— perguntou o meu pai.

— Não. Ela precisa ficar em segurança...

— *Sua* garota — frisou, piscando um olho para mim.

Eles riam de mim, como se eu fosse uma criança sem o chiclete. Aquilo só aumentava a raiva que sentia.

De volta ao *flat* da doutora Juliana, depois de um dia cansativo observando o serventário
PERIGOSAS ACHERON

suspeito da distribuição, meu telefone tocou:

— Palito?

— Um informante vai entregar o lugar.

— Fonte segura? — Era estranho *surgir* um dedo-duro agora que tudo estava silencioso.

— Veio da escuta da Rainha.

— Como?

— Ele ligou para ela. Há risco, Puma. Ele disse que ia bater o endereço.

— Eu vou com você.

— O Comandante disse que você só vai *pra* rua mesmo com o aval de um psiquiatra. Ele quer você fazendo amizade com o *juizinho*.

Arregalei os olhos.

— O quê?

— Você não *'tá* liberado. Precisa de uma *cartinha* médica dizendo que não é maluco. E, convenhamos, chefe, essa fixação na advogada compromete muito o seu desempenho. Parece um

PERIGOSAS NACIONAIS

cachorro excitado!

— Que porra é essa, Palito? — gritei. — Eu vou, queira você ou não. Essa merda dessa operação é minha e já perdi coisa demais *pra* eles.

Ele ficou em silêncio.

— Me encontra no 512. — Desligou na minha cara.

Peguei a moto e fui.

O bar não estava tão cheio e logo avistei o Palito sentado em uma mesa, engolindo o que provavelmente era o maior sanduíche do lugar. Tão logo sentei, ele pediu um refrigerante para mim e apontou para o prato com a cabeça. Fiz que não com a mão e peguei o cardápio para escolher outra coisa. Ele deu outra mordida e encheu a boca.

— Como vai, chefe?

— Puto.

Ele engoliu a comida e pegou o copo do refrigerante, rindo enquanto bebia uma boa golada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Imagino que sim — falou. — O informante ligou para a Rainha no sábado e o Esquilo ouviu. Ela fez as amizades dela naquele bairro onde acharam o Roberto, quando estava procurando você, e conseguiu um informante. Não sei se vai reportar a alguém ou se vai sozinha, mas precisamos pegar o guri antes de se encontrarem amanhã à tarde.

Fechei as mãos em punho e rangi os dentes.

— Ela está cada vez mais envolvida na operação. O perigo *'tá* rondando a porta da Simone.

— Sua mina é esperta. — Riu, sacudindo o indicador na minha direção.

— Que mina? Ela não é minha nada. Vocês ficam repetindo isso, mas ela e eu não temos porra nenhuma. Ela agora é noiva do *juizinho* de merda. Eu perdi, porra.

Ele franziu o cenho.

— Acho que você não está bem de novo, chefe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisa de uma bebida?

Eu puxei o ar e levantei o dedo, chamando a garçonne.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15

O sofá da casa do Palito era pequeno demais para mim e, ainda assim, lá estava eu de novo depois de beber uma garrafa inteira.

— Vê lá o que pode ajudar na cabeça, toma um banho e vamos trabalhar. Temos um encontro às 13 com o dedo-duro.

— E a Rainha?

— A Gata vai atrasar ela.

Nenhum remédio curaria a ressaca que eu estava, mas não havia dor que me fizesse deixar a operação e, sendo assim, com o plano na cabeça, pegamos o carro popular do Palito e às 13 horas encontramos o tal informante no coreto no alto de um dos morros da cidade, no lugar onde marcou com a Simone.

Assustado como um cervo, o menino não devia

ter mais do que 15 anos e era magrelo, quase desnutrido. Usava roupas velhas e um chinelo de dedo. Fiquei de tocaia abaixado no banco de trás do veículo enquanto Palito, um homem de mais de 1,80 de altura com braços da largura de pernas, parava ao lado do guri e o abordava.

Senti que o menino tremera com aquele gigante que se aproximara, mas Palito colocou a mão pesada no ombro dele e o segurou no lugar. Não muito tempo depois, veio até o carro e enfiou o menino, que arregalou os olhos quando me viu. Na mesma hora, eu o reconheci como o moleque que estava armado no hotel que serviu de cativoiro para a Simone.

— E aí, garoto? — cumprimentei sorrindo.

— Pu-Puma? — ele gaguejou.

— Vamos passear agora? — perguntei, arqueando a sobrancelha em tom ameaçador.

Cerca de uma hora depois, estacionávamos o

PERIGOSAS ACHERON

carro em uma casa de praia, onde Chiclete já nos esperava. Ninguém sabia o que fazíamos naquele dia, nem mesmo o Comandante, e pretendíamos tirar dele tudo o que pudéssemos sobre o esquema.

Infelizmente, o menino era apenas uma ponta e não sabia muita coisa. Precisava de proteção e, assim, ficaria naquele local até podermos enviá-lo para longe daqui, para um lugar onde estivesse seguro. *Ferrado* foi o apelido que demos para ele, porque era assim que ficaria se saísse dali sem nossa autorização.

Um endereço que ele ouviu quando abastecia um caminhão com as caça-níqueis foi tudo o que conseguimos.

— E por que 'tá falando agora?

— A moça prometeu me tirar dali. 'Tô sozinho, não tenho ninguém depois que mataram meu vô.

— Que vô, Ferrado?

— Ele guardava o ponto onde prenderam a

gordona.

Rangi os dentes.

— Olha como fala, garoto. Posso ferrar você por outros motivos também.

Ele riu um tanto debochadamente.

— Me disseram que o Puma era apaixonado por ela, mas achei difícil acreditar e...

O jeito como olhei para ele fez o moleque calar a boca. Ferrado engoliu em seco e sentou.

— Vamos, então — falei para Palito. — Chiclete, você fica com o Ferrado até a gente voltar.

— Acho que pode ser uma armadilha. E se o guri estiver mentindo?

Olhei para o garoto.

— Se estiver mentindo, o Chiclete apaga ele. — Fiz um sinal com a cabeça e o meu colega riu para o menino, estalando os dedos.

Já chegando no carro dele, o Palito disse para

PERIGOSAS ACHERON

mim:

— Acho que devemos ir em outro horário.

Encarei-o e entendi o que quis dizer. Se fôssemos afobados, estragaríamos tudo. Arrumei comida para o Ferrado e depois, eu e Palito fomos embora, cada um para sua própria casa.

Estava na hora de deixar o *flat* da doutora Juliana e pilotei a moto até o meu apartamento. Todo o processo de *deSimonização* foi para o ralo tão logo entrei. Era como se pudesse vê-la sentindo prazer em cima da minha cama e por mais de uma vez escutei sua voz, ao ponto de imaginar que não suportaria muito mais daquilo. Se ela realmente casasse com o Maurício, tudo estaria perdido. Eu jamais a teria novamente e só Deus sabe o que poderia fazer com o sentimento que me consumia.

Ansioso, peguei a moto e fui mais uma vez até a porta da casa dela, onde Esquilo fazia guarda de um lado, no seu esportivo importado, e um Tigro

PERIGOSAS NACIONAIS

montado em uma 125 do outro. Liguei para o companheiro da operação e o dispensei, pegando a escuta. A voz dela... Era tudo o que eu precisava para acalmar o coração — ou acelerá-lo ainda mais.

Esquilo agradeceu, cansado demais, ligou o carro e saiu.

— Mãe, vou dormir — ouvi Simone dizer e, pouco depois, a luz do seu quarto acender.

Ouvi seus passos e a porta do armário abrindo. Minha imaginação começou a flutuar e, fechando os olhos, ansiei por ver a roupa que ela estava usando. Meu capacete começou a ficar abafado e puxei a gola da camisa, sentindo calor.

Alguém encostou no meu ombro e, ao virar, o Tigro da 125, conhecido de muito tempo, me cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Sai daqui, garoto — mandou o moreno franzino, que estava responsável pela vigília em dias alternados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxei o ar com força.

— Não consigo, parceiro.

— Ela não vai sair. Dificilmente sai nos dias de semana. O juiz a deixou aqui há umas duas horas, ela já jantou e se prepara para dormir.

— E como você sabe disso tudo?

— Rotinas. Ela é uma mulher de rotinas. Observando-a, é fácil saber o que fará depois.

— Eu preciso vê-la, parceiro — falei quase suplicando, como se a minha vida dependesse disso.

— Não acho uma boa ideia.

— *'Tô ficando maluco.*

Tão logo terminei de falar, ouvi um gemido no fone de ouvido; não era uma lamúria e não parecia choro. Era um som que eu conhecia bem, que dominava meus pensamentos quase sempre.

— Paulo... — ouvi Simone dizer, entre gemidos, e senti uma reação imediata.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que o Tigro percebeu o meu desconforto, porque chamou minha atenção novamente.

— Garoto, vou comer um sanduíche. Volto em meia hora. É todo o tempo que você tem. Depois disso, quero você longe daqui. — Dois passos depois, ele disse: — Rotinas, meu caro.

Virou e saiu. Apertei os olhos e, com o coração acelerado, fui até a janela de Simone, sorrateiramente me esgueirando por entre as sombras. O ponto, que ainda estava ligado ao meu ouvido, emitia o som do prazer de Simone. Eu sabia o que ela estava fazendo e, como um *voyeur*, quis olhar.

— Paulo... — ela sussurrou mais uma vez.

Era o meu nome que ela dizia quando se tocava, quando exacerbava seu desejo. Cheguei a levar a mão à janela, fechando o punho para bater. Ela gemeu uma última vez, deixando o prazer dominar seu corpo...

Depois de pouco tempo, escutei algo como um suspiro e coloquei a cabeça na janela.

— Não precisa me proteger... Só volta *pra* mim.

Ela adormeceu abraçada a um travesseiro, com o rosto molhado pelas lágrimas.

Por algum motivo estranho, levei a mão ao ouvido e encostei no ponto que transmitia a escuta, percebendo que senti ciúmes do Sombra que a seguia, do Tigro que a acompanhava... Eles sabiam desses momentos, eles escutavam as intimidades de Simone. Oh, como eu queria aquilo tudo só para mim. Aquela era a minha mulher e eu iria, para sempre, protegê-la.

Até o fim daquilo tudo, ficaria longe dela se fosse necessário para mantê-la em segurança. Se Maurício estava envolvido na operação, estar ao lado dele seria o melhor para ela.

Voltei para a moto e esperei o Tigro voltar. Tão logo ele despontou no horizonte, liguei a moto e

PERIGOSAS ACHERON

parti, piscando o farol para ele no código do clube e recebendo a resposta de confirmação. Era certo que não poderíamos confiar apenas nos sentimentos do maldito juiz.

CAPÍTULO 16

Eu amo você não é só uma expressão, é um juramento. Quando você diz que ama alguém, você jura protegê-la. É isso que vou fazer. *Simone não havia me esquecido*, isso martelou na minha cabeça como o canto de uma sereia que renova as energias.

Eu voltaria a ser o Puma que todos conheciam. Rígido, ríspido, grosseiro...

Decisivo.

No dia seguinte, fui até o escritório do doutor Carlos em um horário que sabia — pelo que os Tigroj disseram — que Simone não estaria. Frederico não ficou muito feliz de me ver.

— Não tem nada aqui, Paulo. Eu estou na geladeira e nem sei o motivo.

— Quem entregou a operação, Frederico? — perguntei com a voz incisiva.

Ele arregalou os olhos e deu um passo para trás:

— Você não pode estar imaginando que fui eu...
Está?

— Não sei quem foi, Frederico, mas sei que alguém estragou tudo e foi alguém aqui dentro.

— Eu vou descobrir quem foi, Paulo, e provar que não fui.

— Viviane?

— Não.

— Você me ligou para acusá-la e, agora, voltou atrás. O que posso pensar de alguém que coloca a própria parceira na linha de tiro?

Ele engoliu em seco antes de responder:

— Desespero.

Cheguei perto dele e o encarei, quase rosnando.

— Para o que fazemos, desespero não é opção. Precisamos confiar um no outro, especialmente nos parceiros, como se fôssemos arma e munição.

Na mesma hora, lembrei de Esquilo e seu carro

importado. Eu precisava confiar nos meus parceiros.

— Imagino que você, o grande Puma, seja confiante assim. Veja lá onde isso te levou. De tão machão, quase morreu.

— Você está fora. É uma ordem. — Cheguei a apertar a mão para socá-lo, mas me contive e segui encarando-o: — O tagarela da operação é alguém daqui, Frederico. E vou descobrir quem foi o maldito que entregou o meu disfarce.

Eu me achava muito assustador antes de ser sequestrado. Agora, ostentando algumas boas marcas no rosto, pescoço e corpo — braços, principalmente, que evidenciavam as cicatrizes com as veias estufadas — acho que as pessoas me viam como uma espécie de bicho.

Danem-se todos. Eu seria um puma — e, provavelmente, até a Simone se assustaria com o que eu estava disposto a fazer —, mas ia mantê-la

em segurança.

— Onde estão os processos do caso? — perguntei a ele, disposto a descobrir se ele estava trabalhando ou se assumiu a carapuça de inútil

— Aqui só tem dois, mas descobri outros cinco espalhados em diferentes escritórios, todos direcionados para a mesma Vara. Só escritórios grandes.

— E como você sabe que são relacionados a isso?

Ele suspirou.

— Na verdade, eu não sei. Todos não têm provas, mesmo depois de a polícia entregá-las ao Ministério Público. Somem antes de chegar às mãos da Promotora.

Gata? Mas o Maurício me disse que ela estava entregando casos bem instruídos... Será que ela vinha segurando os processos?

— Paulo?

Simone...

Era ela, que tinha chegado ao escritório antes do que eu previra. Frederico arqueou as sobrancelhas e saiu, me deixando ali, sozinho, petrificado. Virei para trás pronto para encarar uma velha amiga de colégio e insisti para mim mesmo de que era apenas isso que poderia demonstrar.

— Como vai, Simone? Trabalhando muito ainda? — Coloquei as mãos no bolso e sorri, pendendo a cabeça.

Ela sorriu de volta e meus olhos foram atraídos para a enorme aliança dourada que ostentava no anelar direito. Apontei com o queixo e fiz o comentário que supus ser o mais *descolado* para o caso.

— O Maurício físgou você de vez, então?

Simone olhou para o dedo e, depois, para mim.

— Estamos juntos há alguns meses.

Ela não respondeu. Sorri.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fico feliz por você.

— Fica?

— Claro. Acho ótimo que vocês se acertem.

Ela puxou o ar com força e apontou para uma sala.

— Podemos conversar na sala de reuniões, Paulo? Tenho alguns documentos para mostrar.

Engoli em seco, mas anui. Eu não tinha motivos claros para negar aquela conversa, especialmente porque estávamos trabalhando no mesmo caso. Ela foi na frente, com os cabelos sacudindo nas costas e deixando um rastro de shampoo impossível de ignorar. Tão logo entramos, Simone fechou as persianas e colocou os papéis que segurava na mesa. Falando o mais baixo que pôde, me encarou:

— Por que você está fazendo isso?

— Fazendo o quê?

— Você deu sua vida pela minha, disse que me amava e, agora, parece que não lembra de nós... Por

PERIGOSAS ACHERON

quê?

— Simone, você tem falado umas coisas estranhas. Eu-eu realmente não lembro de uns pontos no passado. Fiz exames, testes e o cacete, mas não lembro de termos namorado. Nós namoramos? — perguntei, masoquista, querendo ouvir muito mais do que o meu coração suportaria.

Ela apertou os lábios e, depois, os lambeu para o bem da minha insanidade. Em fração de segundos, vários desfechos para aquela cena passaram pela minha cabeça.

Empurrar os papéis para longe, sentar a Simone na mesa e me perder entre as suas pernas.

Abraçar a Simone com força e beijá-la inteira.

Confessar o quanto a amo.

Então, percebi que suas bochechas haviam ganhado um delicado tom de rosa, como se tivesse pensado as mesmas coisas. Então, suspirou e deu uma resposta.

— Não. Nós transamos duas vezes e só.

Posso jurar que ouvi o som do desespero do meu próprio peito, algo como o ronco de uma motoca de criança tentando ultrapassar uma Ferrari. Ela pendeu a cabeça e analisou minha reação, provavelmente enxergando o grito da minha angústia. Finalmente, Simone sorriu.

— Bom, não deve ter sido tão memorável para você, afinal. — Deu um passo para a frente e meu membro reagiu. Ela passou a mão no cabelo, jogando-o para o outro lado antes de juntar tudo e enrolar um nó, arrumando o grampo que o prendia de lado no lugar.

Fiquei sem graça. Jamais imaginaria que Simone pudesse responder dessa forma tão... sensata:? Não pude comentar nada. Naquele momento, o meu cérebro só processava uma frase: *eu amo você*. Isso era tudo o que eu queria dizer para ela.

— Você o ama? — perguntei, certo de que

PERIGOSAS ACHERON

ouviria um sonoro e reconfortante *não*.

— Eu-eu realmente queria falar sobre a operação — desconversou. — Eu juntei esses processos aqui do escritório e é estranho o fato de não terem qualquer prova. Precisamos descobrir quem foi o advogado que visitou o senhor Magno antes do suicídio.

Eu franzi o cenho. Além de mim, não sabia de nenhum outro que o tenha visitado, pelo menos não que tivesse registro na unidade.

— Acho que já chegaram aqui para o doutor Carlos sem provas — seguiu falando —, mas quem foram os policiais que colheram as provas? Será que eles não lembram de nada?

Fiz que não com a cabeça. Era um rastro perigoso para ela seguir e eu a queria fora daquilo.

— Eu... — respondi em voz alta e ela arregalou os olhos.

— Não é sua atribuição, Paulo. Você não é
PERIGOSAS ACHERON

investigador. Procurei o senhor José, mas não o encontrei e...

— Simone, se afaste disso. Você não é policial.

— Eu recebi a ligação de um informante. Ele tem um endereço para onde foram levados alguns equipamentos. Não consegui falar com ele no local marcado... Me atrasei e...

— Simone! — a interrompi asperamente, gritando e assustando-a. — Acho que você deveria deixar esse trabalho com os profissionais e voltar para o seu *noivo*.

Minha voz soou mais grave do que o normal e não resisti a ironizar o relacionamento dela. Por que implorava para que eu lembrasse dela se continuava com aquele namoro? Por que aceitou casar se ainda nutria sentimentos por mim?

Eu precisava trazer aquilo à tona, falar sobre o assunto com ela. Eu queria que ela *descobrisse*, por si só, o meu sentimento; *concluísse* sozinha que eu

PERIGOSAS ACHERON

estava apenas querendo protegê-la. Eu precisava ardorosamente que ela *não casasse* com o juiz, que ela ganhasse tempo, que não entregasse aquele gemido sensual para ele.

Minha, só minha.

Ela arregalou os olhos e puxou o ar. Depois, lambeu de novo o maldito batom vermelho que usava antes de voltar a falar.

— Sabe, Paulo, o cliente morreu por minha causa e, depois, o outro sumiu. Além disso, um homem foi torturado para me salvar, depois de eu ter sido... — parou de falar. — Não importa. — Abanou com as mãos. — Você sofreu muito mais do que eu.

— Você foi o quê? — perguntei, me aproximando dela com os braços cruzados de forma a conter meu próprio impulso de abraçá-la.

Simone deu um passo para trás.

— Já passou, é claro. Não tenho nem o direito

de...

— Você foi o quê, Simone? — Andei até ela, peguei o grampo de cabelo e joguei no chão, pisando e quebrando-o, fazendo seu cabelo desenrolar em ondas. *Oh! Aquela visão era paradisíaca!* .— O que diabos eles fizeram com você?

Ela inspirou com força e levantou a manga da camisa, mostrando uma fila de 3 ou 4 cicatrizes circulares.

Queimaduras de cigarro.

Puxei o braço dela e olhei de perto. Minhas narinas dilataram e precisei de muito mais do que força para não deixar transparecer — mais do que já fazia — a fúria que sentia por dentro.

— Não é nada. — Simone fez força para se soltar e eu a trouxe mais para perto, sentindo o hálito quente de café que exalava e sendo tragado pelo vermelho intenso de sua boca.

Ela respirava com dificuldade e olhava para meus lábios também. Eu estava a um passo de tomá-la sobre a mesa da sala de reuniões e me perder no único lugar em que realmente me achava.

— Paulo, eu-eu...

Oh, meu bom Deus! O que ela fazia comigo? Fechei os olhos, tentando sair do transe que aquela mulher me colocava.

— Você não pode continuar mexendo nisso, Simone. Eu a proíbo!

Soltei seu braço e dei as costas para ela. Ficamos um tempo em silêncio e acredito que tenha prendido a respiração para que Simone não percebesse o quanto estava nervoso pela proximidade. Ouvi um barulho de papéis e a voz baixa, mas firme, de Simone:

— Meu casamento será em cinco dias. O convite que deixei com o pessoal do escritório se estende a você. — Morri mais uma vez e ela voltou a falar:

— Ah, Paulo, você não tem direito de me proibir de qualquer coisa.

Ela saiu batendo a porta e só então soltei o ar.

A operação acabaria em breve. Estávamos perto de achar o esconderijo. Com um endereço, poderíamos armar a emboscada de surpresa.

Olhei para trás. Simone pegava a bolsa para deixar o escritório a passos largos e pesados. Parecia irritada. Abaixei o peguei o grampo quebrado, enfiando-o no bolso da calça. Só depois eu saí da sala com planos precisos de matar cada um daqueles cretinos lentamente, fazendo-os engolir os próprios cigarros.

Acesos.

CAPÍTULO 17

Encontrei Palito no local combinado, ambos vestindo preto e máscaras de meia que só deixavam nossos olhos de fora.

— Problemas no reino, irmão? — ele perguntou e apertei os olhos, fazendo-o lembrar que Simone era um assunto proibido.

Subimos em motos trabalhadas para não serem ouvidas ou identificadas, trabalho perfeito dos Tigroj, e rumamos para o endereço dado pelo Ferrado.

A casa era uma construção no meio do mato, mansão de rico com muros brancos encimados por cerca de arame farpado. Havia um portão de garagem escondido entre plantas e um interfone. Notamos, ainda, uma guarita camuflada em algumas árvores de frente para a porta principal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Carros filmados e importados, todos com placa estrangeira intocável, entraram com espaço de 15 minutos cronometrados, provavelmente trazendo os jogadores.

De 0 a 6 da manhã, não houve movimento ou barulho. Depois, 5 carros deixaram o lugar de uma vez só. Com as motos, escolhemos dois e seguimos pelas ruas da cidade. Palito terminou na porta de um condomínio de luxo, fechado com portão eletrônico. Eu terminei em uma estrada de chão que levou a outra mansão cercada.

A Gata ficou responsável por descobrir quem eram os proprietários dos carros e dos endereços que havíamos conseguido, ainda que eu tivesse plena certeza de que não ia dar em nada. Não poderia ser tão fácil identificar os cabeças da operação.

Voltamos outras vezes e não vimos qualquer movimento. No mesmo dia da semana seguinte,
PERIGOSAS ACHERON

estávamos lá. Nada. Havia datas certas para o funcionamento e ainda não havíamos descoberto quais eram.

— Puma — falou Palito, enquanto comíamos em uma lanchonete da madrugada depois de mais uma vigília inútil —, você não acha estranho aqueles carrões irem para o meio do mato jogar em máquinas caça-níqueis?

— Acho. Tem algo mais rolando. Não é possível que seja só isso.

— Precisamos falar com o Ferrado de novo.

— E o imóvel? *'Tá* no nome de quem? A Gata reportou?

— Defuntos da Previdência. Acho que devemos ir lá essa noite e invadir — disse sorrindo.

— Palito, a gente não comete crime.

— Não é crime se a casa não tem dono. E morto não é dono de nada. — Piscou sorrindo.

Eu suspirei e olhei para os lados, pegando a lata

de refrigerante para uma golada.

— Ok. Meia-noite.

Com tudo acertado, fomos fazer outra visitinha ao Ferrado. Depois de uma pressão, ele finalmente liberou o que queríamos saber. Morando com o Chiclete na casa afastada, o garoto parecia confiar nele.

— Os caça-níqueis são acessados por uma porta no bairro onde achamos você, mas entraram por aquele endereço que o Ferrado deu antes. No bairro, o local só tem movimento das pessoas mais pobres, que entram, se identificam e chegam à sala de jogos. Ele desconfia que haja um corredor secreto e não costuma ver ninguém além dos jogadores entrar ali — disse o Chiclete tão logo o atualizamos da operação. — Aquele endereço que ele deu antes para vocês é a entrada de um *cassino de ricos*, segundo ele.

— Precisamos descobrir o tal corredor —

ponderei, ao que meus colegas concordaram com a cabeça. — Vamos bater pelos caça-níqueis e prender todo mundo lá.

— Precisa achar o dono do negócio — falou o Ferrado, um pouco mais seguro de si. — O pessoal que joga nas máquinas só quer ganhar um extra.

— De fato, Puma — disse o Chiclete. — Se a gente bater por lá, não pegamos o chefão. Precisamos pegar o cabeça. Eu e o Ferrado andamos tendo conversas sérias aqui. O garoto perdeu toda a família nas mãos dos capangas do Cervantes, que ele sequer sabe quem é.

— É o juiz? — perguntei.

— Imagino que ele seja velho — o menino disse. — Meu vô trabalhava *pra* ele desde antes de eu nascer.

— Promotor-chefe da criminal? — sugeri.

— Muito óbvio — Chiclete respondeu.

— Um Desembargador? — Palito levantou

outra hipótese.

Eu bufei.

— Só sei que o bairro é movimentado demais para nos esgueirarmos e investigar o local através da caça-níqueis sem uma batida escandalosa. Temos que ir pela mansão e provar a ligação com as caça-níqueis da comunidade, invadir de lá, na surdina, em um horário sem muito movimento. Depois, a gente consegue um mandado para invadir aquela porra toda e desmonta os dois cassinos: de rico e de pobre.

— Acho melhor infiltrar alguém na caça-níqueis e ir de lá — Palito propôs.

— E quem vai? — Chiclete perguntou.

— Eu — respondi.

— 'Tá louco? Aquele lugar todo conhece sua cara. E 'tá todo retalhado. Você parece que veio da guerra. Eu vou — falou o Palito.

— Se conhecem a minha, imagina a sua, *Rambo*.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou — Chiclete propôs.

— É melhor uma mulher — falou o Ferrado. — Vocês têm cara de polícia.

Eles me olharam e eu logo entendi o problema. Neguei com todo o corpo — cabeça, mãos e, principalmente, uma voz muito irritada.

— Não, não, não! Ela não!

— É a saída. Puma. A gente tem que infiltrar alguém.

— Eles conhecem ela também. A gente tem que invadir a porra da casa e ir de lá — falei, voltando à ideia anterior.

— Mulher é mais fácil. É só ela cortar e pintar o cabelo, colocar uma roupa menos chique e pronto — falou o guri dando de ombros e ignorando meu comentário.

Palito, que vinha acompanhando a minha raiva com aquela *participação* da Simone, tentou amenizar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E a Gata?

— Ela é empinadinha demais. A Rainha é mais normal — Chiclete falou.

— Mas o povo de lá conhece ela.

— Exato. Eles conhecem e tem simpatia por ela. Acho que ela se infiltrou quando tentava achar você. Ninguém sabe que ela conhece você. Ela foi levada na van, enfiada no local e, depois, tirada do mesmo modo. Os moradores não a viram e, para todos os efeitos, é alguém como eles.

Cocei a testa. Eles ainda estavam atuando no mesmo bairro; só haviam mudado a entrada. Era, de toda forma, próximo ao cativeiro onde me mantiveram, onde o Palito invadiu. Fizeram a gente de otários por meses. A casa de jogos funciona por uma entrada lá, que liga direto para a mansão.

— Eles têm razão, Puma. Acho que a Rainha é a melhor opção...

— Até você, Palito, porra! Vamos voltar com a
PERIGOSAS ACHERON

Viviane.

— O Comandante não quer.

— A Rainha, não — afirmei rangendo os dentes.

— Puma, as únicas mulheres da operação são a Gata e a Rainha. A Gata tem cara de elite. A Rainha é mais simples. De mais a mais, a Rainha já fez todo um trabalho naquela área e tem a simpatia do povo.

— Cacete, Palito, você *'tá* entendendo o que *'tá* me pedindo? Como eu vou mandar a Rainha para a toca dos mesmos lobos que a fizeram de refém? Eles conhecem ela!

— Eles morreram, porra! — Palito gritou. — Ninguém conhece ela!

— Você não pode me pedir *pra* mandar a Rainha.

— Para ser honesto, não *pedi* nada. — Ele riu e eu o encarei sério. — E você precisa lembrar que ela tem a proteção do juiz. Se pegarem, ele limpa a
PERIGOSAS ACHERON

barra dela.

— Ou mata ela.

— A gente pega ela antes disso.

— E qual é a desculpa para ela ir? Hein?

— Temos uma pista, vamos achar o caçaníqueis, infiltrar *pra* chegar até o salão principal. Lá, temos as cabeças da hidra. Cortamos e, pronto, você casa com a sua mina e nós partimos de férias.

Inspirei profundamente e fiz um leve aceno, negando com a cabeça.

— Não. Nós vamos pela mansão, achamos o local e esperamos ter atividade para prender todo mundo no flagrante. — Coloquei o dedo em riste, deixando claro que aquilo era uma ordem dada por um superior.

Meu comando foi acatado, mesmo sob resistência e, mais tarde naquele mesmo dia, com uma pedra, nos certificamos de que a cerca era eletrificada. Nenhum alarme tocou e nós, certos de

PERIGOSAS ACHERON

que teríamos algum tempo antes de chegar alguém, cortamos a corrente, jogamos uma jaqueta jeans velha e pulamos.

Lá dentro, havia uma casa de rico comum, com sofá, televisão, aparelho de som, obras de arte que eu nunca saberia dizer se eram réplicas, tudo conforme imagino que alguém com muito dinheiro viveria.

— É tudo muito estranho, Puma. Não tem ninguém aqui, nem um vigia, aqueles carrões de gente rica... Acho que o Ferrado colocou a gente na trilha falsa. Pode ser uma armadilha. Vou comer aquele moleque no cacete.

— Não acho que seja. Acho que abandonam tudo quando não é dia de movimento. Pode até ser uma forma de espantar curiosos daqui.

Com lanternas, caminhamos pela casa escura até que o barulho de chaves nos chamou a atenção. Escondidos em pontos estratégicos — e incômodos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— do grande salão, eu e Palito aguardamos os *visitantes*. Dois meninos, que deviam ter a idade de Ferrado, entraram de uma passagem por trás de um quadro enorme com armamento pesado.

— Não tem ninguém aqui, *mané*.

— O alarme tocou, cara.

— Deve ter sido a merda de uma cobra de novo.
Eles riram.

— Se foi, torrou na cerca!

— Vamos embora daqui.

Eles ainda deram algumas voltas, mas entraram pela mesma porta de onde haviam saído e sumiram. Eu e Palito ficamos um tempo ocultos pelas sombras, mas nos preparamos para entrar e ver onde daria.

— Voltamos amanhã, Puma. Os garotos devem estar lá ainda.

— Eu vou agora. 'Tô cansado dessa porra e vocês querem colocar a Simone na linha de tiro.

PERIGOSAS ACHERON

Vou resolver esse esquema hoje.

Abri a tal porta com o máximo de silêncio que pude e, quando entrei, um corredor comprido me levou até um lugar escuro e fedorento. Entreabri a porta e coloquei a cabeça para fora, vendo os garotos rindo e tomando álcool vagabundo, se drogando com alguma coisa que dificilmente era pura, em um subsolo fétido bem familiar.

Voltei para o corredor:

— São dois garotos, estilo Ferrado, no subsolo que me colocaram antes daquela casa no mato. Não posso espantar eles, nem confiar neles. É o banheiro imundo de uma casa.

— E como a gente invade?

— Eles vão apagar em breve, se continuarem entornando a porcaria que consomem.

Aguardamos e, quando a paciência chegou ao limite, decidimos entrar abruptamente. Os moleques se assustaram e não demos sequer a

chance de acharem as próprias armas. Eles tentaram alguns golpes, mas contra mim e Palito eram apenas formigas e foram rapidamente imobilizadas. Infelizmente, como crianças, seriam liberados em pouco tempo pelo Delegado da Infância.

— Só têm vocês aqui? — perguntei e eles ficaram calados. — Responde, moleque. — Me irritei.

— A gente não tem medo de você! — um deles gritou.

Olhei para o Palito e nos entendemos. Separamos os garotos para que o *a gente corajoso* se transformasse em um *eu covarde*. Assim, abririam o bico rapidinho.

Palito levou um até o corredor de onde saímos e eu fiquei com o outro no tal subsolo. Sentei de frente para ele, a quem amarrei em um dos pilares do lugar, e pendi a cabeça, apertando os olhos e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encarando, na tática de amedrontamento por ansiedade. Antes mesmo de ele olhar para mim, um barulho abafado veio do corredor, seguido de um choro baixo e algumas palavras que não entendi. Arqueei as sobrancelhas e olhei para o menino à minha frente, que já havia urinado nas calças.

— Acho que vocês têm medo da gente...

— Puma? — Palito me chamou e notei que os olhos do garoto se arregalaram.

Onde estaria o outro?

— Pu-Puma? — gaguejou, como era comum ultimamente com todos que me viam.

— Sim, guri. Eu mesmo. — Sorri de lado, maneando a cabeça.

Levantei e me aproximei do Palito, que cochichou:

— Caça-níqueis funciona às quintas-feiras. Vamos embora.

—Vamos levar os garotos *pra* junto do Ferrado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não acho uma boa ideia. Os cabeças vão desconfiar e a gente perde o rastro de novo.

— Não tem como confiar neles — afirmei.

— Ah, e se tem! — Palito riu e olhou para o corredor, onde finalmente notei o outro menino encolhido no chão, tremendo ao ponto de fazer barulho. — Eu sou o pior pesadelo deles.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18

Palito era um cara que eu aprendera a respeitar. De fato, o homem havia entrado sozinho naquele bairro e me tirado na marra do cativoiro. Da mesma forma, aprendi a não perguntar.

— Vamos falar com o Comandante amanhã e preparar a operação para a Rainha entrar. O moleque *'tava* tão alto que tenho certeza que vai achar que a gente era um pesadelo de verdade...

— Não me conta, porque a gente não comete crime. Mas, só pra lembrar, a Simone não vai — rugi entredentes. — A gente vai conseguir um mandado para a outra quinta-feira.

— Precisamos de alguém, Puma.

— Não quero nem saber, Palito.

Subimos nas motos e partimos para casa. No dia seguinte, fomos à sede.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Comandante, viemos reportar o que descobrimos na operação. Achamos a sede do cassino e, de lá, o local onde funcionam as caça-níqueis.

— Bom, muito bom. Trabalho limpo?

— Sim — afirmei satisfeito com o meu trabalho.

— Na próxima quinta-feira vai ter movimento e precisamos que a Gata consiga um mandado *pra* gente invadir e pegar todo mundo.

Ele negou com a cabeça.

— Entramos pela caça-níqueis no dia de atividade, prendemos sem alarde e chegamos nos cabeça. Não é possível que nenhum deles nos ligue à fonte. Sabem o dia que funciona a casa?

— Não, senhor. Os garotos só ficam sabendo no dia, perto da hora de iniciarem os jogos.

— Esse informante de vocês... Não podemos colocar ele de volta para conseguir mais informações?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um menino, Comandante. Vai estragar tudo.

— Alguém vai entrar no caça-níqueis, Puma — afirmou o Comandante.

— Precisamos colocar o Frederico ou a Viviane.

— Não dá *pra* confiar no Frederico. Com aquela cara de imbecil, ele pode atrapalhar. De mais a mais, ele é tão medroso que tem cara de vira-casaca. — Palito falou.

— Ele vai estragar tudo, Comandante — concordei. — O cara é medroso. Eu vou.

— Com essa cara de soldado? — Ele riu. — Nenhum de vocês consegue entrar lá sem ser identificado. Ligue para a Viviane, então. Peruca, corte de cabelo, qualquer coisa que faça ela ficar menos... Sei lá... Menos bonita. E ela só precisa entrar para jogar. Provavelmente, vamos ter que fazer isso em mais de um dia de jogo. Se ela souber fazer o trabalho, descobre tudo da casa também.

PERIGOSAS ACHERON

Assim fizemos. Saímos de lá e marcamos um encontro com a Viviane, deixando-a a par apenas do que seria imprescindível. No quinta-feira seguinte, ela visitaria o caça-níqueis disfarçada. Eu continuava não confiando nela e no Frederico, mas essa era a alternativa para que a Simone não precisasse ser envolvida novamente.

CAPÍTULO 19

À tarde daquele dia, depois de caminhar de um lado para o outro do apartamento, eu achei que deveria organizar meus pensamentos. Me ocupei de fazer listas e mapas de todas as possibilidades de desfecho da operação. Precisava estar preparado. À noite, pedi uma pizza e liguei para o Esquilo tentando obter informações sobre a segurança da Simone.

— Esquilo, cadê a Rainha?

— Com o juiz.

Rosnei qualquer coisa.

— Que horas aquele maldito vai liberar ela?

— Não sei. Estão jantando naquele japonês perto do fórum que o *juizinho* gosta e o celular dela deve estar na bolsa, porque não consigo ouvir quase nada.

22 horas... Liguei de novo.

— Esquilo, cacete, eles não voltaram ainda?

— Puma, fica no aguardo, irmão. Eu aviso.
Desligo.

Ele desligou na minha cara e encarei o telefone enquanto o número dele sumia da tela antes de a luz apagar. Por volta de 23 horas, quando o carpete já dava os primeiros sinais de que eu havia andado em círculos por tempo demais, meu telefone tocou.

— Puma?

— Reporte.

— Estou com o ouvido na escuta da Rainha e...

— E o quê?

— Ela vai dormir na casa dele esta noite.

Gelei. Meus olhos arregalaram, apertei o telefone até quase sentir o barulho das peças quebrando.

— Pro inferno que vai.

— Irmão, ela não vai para casa hoje. Vou para
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa dormir porque não me sinto bem.

— Ela vai embora da porra da casa dele nem que eu tenha que ligar *pra* ela de madrugada.

— Irmão, vai dormir também. Ela vai passar a noite aqui e a gente precisa descansar.

— Cacete, Esquilo, eu quero a Simone fora de lá. Ela não vai passar a noite em lugar nenhum e eu vou cancelar esse diabo desse casamento!

— Senhor, conversaremos amanhã de manhã. É um tanto constrangedor ficar ouvindo a Rainha com o *juizinho*.

— Invade. Invade, merda! — gritei.

— Talvez você deva aceitar que eles estão mesmo namorando.

— Porra nenhuma!

— Puma, ela ligou para a mãe e disse que vai dormir fora.

— Não vai!

— Boa noite, irmão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou até aí! Fica aí porque eu estou indo!

Vesti a blusa, o casaco e peguei a moto sem placa. Segui pela rua muito irritado, acelerando um pouco demais até que cheguei na porta do prédio onde o maldito juiz era dono da cobertura.

— Esquilo?

Bati no vidro do carro importado. Esquilo desceu do carro e encostou, com os braços cruzados.

— Eu vou matar esse filho-da...

— Irmão, a Rainha está namorando o cara e eles se dão bem. Acabou *pra* você.

Agarrei a gola da camisa dele.

— Não fala merda, Esquilo. Ela *'tá* fingindo. Só.

— Puma, eu não ia falar, mas a Rainha parece feliz. Pronto. Falei.

— Mas eu ouvi...

— Ela *'tá* na boa, cara, seguindo a vida dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vamos embora agora.

Na boa? Ela não estava *feliz*. Ela se tocava pensando em mim! Como isso era feliz?!

Ele me empurrou de volta para a moto e subi quase mecanicamente.

Saber que ela estava cada vez mais próxima do Maurício era reconhecer que havia uma fenda entre nós e que, possivelmente, não poderia ser reparada. Para ser honesto, nem sabia se Simone queria consertar aquela distância que nascera entre nós. Afinal, ganhei marcas indeléveis no rosto e no corpo, bem mais do que já tinha antes.

Mas, por Deus, eu a amava fervorosamente e essa chama não parecia esfriar.

Será que ela enxergaria meus sentimentos por trás do homem deformado que me tornei?

Será que seriam o bastante para convencê-la a voltar para mim quando essa maldita operação acabar?

PERIGOSAS ACHERON

Mais importante do que isso: quais eram os sentimentos dela?

O que a fizera aceitar passar a noite com ele?

Eu não consegui ir para casa. De lá, parti para a casa dela e pulei, sem pensar em consequências, sem pensar que poderia ser pego ou visto.

Sentei na cama de Simone, no escuro do seu quarto e no silêncio de sua casa. Eu não era nada além de um criminoso, um gatuno que busca riquezas. No meu caso, não procurava ouro ou dinheiro, mas esperança.

Coloquei a cabeça no travesseiro de Simone e inspirei seu perfume para dentro de mim, aspirando um pouco de lucidez para meus pensamentos aleatórios. Havia papéis sobre a mesa, pastas, processos, livros, mas não era possível ler muito no escuro. Quem sabe aquela organização de Simone, com post-its, canetas coloridas, etiquetas e pastas arquivo fosse exatamente o que eu precisava para

PERIGOSAS ACHERON

enxergar um plano...

No calendário da mesa, no dia anterior, estava escrito: *Consegui*.

Ao lado, uma pasta preta ostentava uma etiqueta com um coração vermelho em cima e, em meio a todo aquele profissionalismo e seriedade das demais identificações, me chamou atenção principalmente porque o mesmo adesivo também estava colado, me dando a certeza de que Simone havia agendado a noite romântica com o *juizinho*.

Eu quis rasgar tudo.

Peguei a maldita pasta e tirei o elástico, notando uma série de documentos, listas de nomes, lugares e mapas, além de muitos rabiscos. O alívio por saber que não tinha relação com o Maurício se misturou à angústia de uma constatação lógica: o coração significava a operação BlackJack, a minha Rainha de Copas.

A conclusão óbvia não era menos assustadora:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela está investigando... — murmurei. — Mas o que ela conseguiu? Por que há este coração marcando o dia de hoje?

Sem poder acender a luz para ler com calma, pulei a janela e levei a pasta comigo. Já na moto, liguei para o Palito:

— Puma? São 2 da manhã, cara. Vai dormir!

— Me encontra na minha casa às 8. Liga *pro* Esquilo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

Analizamos calmamente os papéis e me orgulhei de ver o quanto Simone era uma mulher inteligente. Sozinha, vinha descobrindo tudo. Há meses, ela desconfiava do Maurício. Com suas investigações particulares, havia descoberto nomes de envolvidos na comunidade e estava perto de achar a caça-níqueis. Meu nome aparecia escrito ao lado de várias notas, ligado a muitas setas, como se ela quisesse me dizer aquelas coisas.

Pintor morreu.

Maurício absolveu: inocente ou sonso? Burro?

Meninos novos. Que raiva!

Que prédio pegou fogo? Foi criminoso?

Onde acharam o Paulo?

Caça-níqueis: quinta-feira. Onde?

Promotor da criminal?

Doutor Marcelo?

Esquilo, que acompanhava o movimento do celular dela pelo aparelho, chegou a adormecer com o fone no ouvido.

— Ainda desligado, Puma — ele disse por volta de 13 horas. — Vou comprar comida.

Era um sábado e, quase 21h, o aparelho apitou.

— Rainha ligou o aparelho e deixou o castelo do juiz. Está em movimento — ele reportou.

— Rota?

— Saindo em direção ao bairro de São Tomé.

— Moto, Palito — dei o comando. — Esquilo, manda o Chiclete se preparar. Pode ser que precisemos dele.

Arrancamos, com o Esquilo informando a todo instante, de um quartel-general montado no meu apartamento, a direção em que o carro deles seguia. Por fim, fomos nos aproximando da mansão dos jogos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esquilo, tem movimento no cassino hoje. Manda o Chiclete vir.

Estacionamos no meio do mato e aguardamos enquanto outros carros entravam. Cerca de uma hora depois, Chiclete apareceu em outra moto alterada. Então, decidimos invadir. Pulamos o muro no mesmo lugar de antes e nos esgueiramos por entre seguranças, derrubando silenciosamente os que se colocavam no caminho.

— São 10 cuecas acompanhados — Palito falou na escuta, com o rosto sujo da camuflagem.

— Armados?

— Só aqui fora. Lá dentro, todo mundo pelado.

— Totalmente?

— Nenhuma arma, Puma — ele cochichou, confirmando.

— Esquilo, reporte.

— Na escuta da Rainha, nada demais, só papo-furado, prenomes e parabéns. Não tem como saber

PERIGOSAS ACHERON

com quem ela fala.

Virando para Palito, dei as ordens:

— A gente entra e rende sem escândalo. Você pelo Norte, eu pelo Sul, Chiclete pula no Leste. Pega o primeiro e foca na cabeça.

Pulei a janela da cozinha, Palito pulou em uma saleta e Chiclete invadiu pelo banheiro social, dando sorte de encontrar um velhote lá dentro esvaziando a bexiga. No grande salão, rendemos outros 2.

Simone arregalou os olhos quando me viu, mas não falou meu nome. Apontei a arma para o Maurício e mantive a faca no pescoço do engomado que eu havia rendido primeiro.

— Polícia! — Palito gritou. — Todo mundo *pro* canto.

Todos foram caminhando para uma parede, mas o juiz levantou uma das mãos e segurou a Simone com a outra, colocando o corpo um pouco à frente

do dela. Rangi os dentes.

— O que está havendo aqui, policial? Vocês têm mandado?

— É flagrante, *Excelência* — debochei —, não preciso de mandado.

— Flagrante de quê? — Um homem de cabelos grisalhos, que logo identifiquei como o chefe da criminal do MP, arqueou a sobrancelha e perguntou.

Palito me olhou e Simone fez que não com a cabeça. Sem deixar de apontar para o Maurício, empurrei o homem rendido para junto dos demais e caminhei até o quadro que escondia o corredor para os caça-níqueis. Puxei o quadro e uma parede recém-pintada surgiu.

Palito arregalou os olhos para mim, incrédulo.

— Cadê? — sussurrou sem emitir qualquer som.

— O quê, policial? — Maurício perguntou, segurando ainda mais forte a mão de Simone, que

tentou se desvencilhar franzindo o cenho como se sentisse dor.

Engatilhei a arma. Se ele a machucasse, eu o mataria.

— Aqui — rugi, apontando para a parede. — Onde está o corredor?

— Não sei do que estão falando, mas poderia mandar prendê-los por abuso de autoridade e mais um monte de outras acusações.

Simone colocou a mão no braço dele e pendeu a cabeça.

— Acho que eles estão sob pressão, amor.

Amor? Trinquei os dentes e dei um passo, mas Palito dilatou as narinas e fez que *não* com a cabeça.

— Por que não os deixa ir e nós voltamos à comemoração? — ela seguiu dizendo. Tão logo a encarou, Maurício amenizou o aperto no braço de Simone e sorriu.

— Comemoração? — Chiclete perguntou com sua voz aguda, finalmente abrindo o bico.

— Sim, policial. Estamos aqui para comemorar a aprovação da doutora Simone ao Ministério Público — falou um outro homem, o Desembargador.

Arregalei os olhos encarando o Palito e o Chiclete.

Por que eu não sabia daquilo?

— Ministério Público? — encarei-a, perguntando em silêncio do que ele falava.

Simone arqueou a sobrancelha, desafiando-me a falar qualquer coisa.

— Sim — Maurício falou. — Você não sabia? Ela fez o concurso do ano passado e entrou agora, na repescagem.

Apertei os olhos para ela novamente e Simone seguiu em um silêncio estranhamente questionador.

— Muito bem, muito bem... — Maurício

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

interrompeu nossa troca de olhares e acariciou o rosto dela. — Em consideração à minha noiva e de forma a não estragar nossa festa *particular*, sugiro que vocês três saiam daqui com urgência.

— Vamos — Palito apontou com a cabeça.

— Podem usar a porta — Maurício falou com escárnio.

Saímos de lá muito irritados, mas certos de que ele era culpado. Maurício sabia do corredor. Isso era óbvio. Em momento algum o *juizinho* se abalou com a nossa invasão, como se soubesse o que faríamos. Novamente, alguém dedurou.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

No outro dia de manhã cedo, recebi uma ligação de Simone, que me pediu para encontrá-la na casa dela. Não gostei da ideia, mas sabia que seria um encontro inevitável. Era um domingo ensolarado, mas o tempo não estava tão quente como a raiva que torrava a minha cabeça.

— Estou sozinha até a hora do almoço. Meus pais foram resolver uns assuntos na Igreja. Poderemos conversar em paz.

Tão logo cheguei, ela apontou o sofá da sala.

— Café? — Simone ofereceu.

Vestindo apenas um short e uma blusa larga, de cabelos soltos e descalça, deu as costas para mim e caminhou até a cozinha. Eu a segui quase impensadamente.

— O que você foi fazer lá? — perguntei.

— Você quase estragou tudo, Paulo — ela rugiu entredentes e não entendi a que se referia, já que não passava de uma festinha de comemoração.

— Estraguei o quê?

Virando abruptamente, ela me encarou de braços cruzados, deixando a xícara sobre a pia, onde encostou.

— Como você sabia que estava havendo algo lá? E, mais do que isso, você sabia que eu estava lá? Como? Ainda estou grampeada?

Não respondi. Ela caminhou e parou à minha frente, muito próximo de mim e testando as minhas reações.

— Por sua causa, eu vou precisar seguir adiante com o plano do casamento. Eu estava a um passo de me livrar disso, de descobrir qual é o tal esquema e encerrar essa sua maldita operação.

— Eu sabia que você não estava *apaixonada* por ele! — Apontei para ela. — Não tem que casar

PERIGOSAS ACHERON

porcaria nenhuma. Termina esse romance ridículo e deixe que nós façamos nosso trabalho.

Lambi os lábios e engoli em seco.

— Quando você lembrou, Paulo?

Apertei os olhos e não respondi.

— Quando? — ela repetiu a pergunta sem alterar a voz e eu segui em silêncio. — Muito bem. Pelo que estou vendo aqui, você lembra bem tudo o que aconteceu entre nós e prefere fingir que esqueceu. Então, *Puma*, sugiro disfarçar o ciúme também.

Gelei. Minha mentira estava a um passo de ser descoberta.

— Não tem ciúme nenhum! — falei um tanto alto demais. — Tem uma civil envolvida no meio de uma operação policial. Civil! — repeti. — Seu papel é viver longe disso. Me disseram que você foi sequestrada porque estava envolvida comigo. Não sei quando isso aconteceu, mas não temos qualquer

envolvimento. Somos conhecidos da época do colégio. E só. Agora, a mesma civil está envolvida com um suspeito. Eu quero você fora disso!

A mentira não se sustentaria mais. Era óbvio o quanto eu era doido por ela. Simone franziu o cenho e rangeu os dentes. Ela parecia mais forte e me fez lembrar da Simone que havia conhecido no colégio. Sem *game over*, nada a abalaria.

— Justamente *porque* eu fui sequestrada que preciso descobrir mais coisas. Você não vê?

— Fora disso, Simone! Você tem que ficar fora disso. Nós vamos descobrir. Não você!

— Eu estou mais perto do que você, *Puma* — debochou.

— Está? E *como*, posso saber?

— Eu sempre soube que vocês, caras bonitos, tendem a se achar muito bons. — *Bonito? Eu? Com o corpo todo talhado?* — Bastava ter confiado em mim, Paulo, e poderíamos ter descoberto muito

mais coisas.

— Não se trata de confiança, Simone. Você não é treinada para isso.

— Treinada? Vocês estavam ouvindo tudo. Vocês ouviam quando eu namorava... — constatou e se interrompeu, inspirando profundamente e trincando o maxilar. — O quanto vocês ouviram?

— Ouvimos tudo. Tudo — repeti.

Quis sorrir, mas estava tão irritado com aquilo tudo que acabei não conseguindo.

— Vamos, Simone, me conte! Está perto como?

— Não. — Seguiu me encarando de braços cruzados. — O que havia atrás do quadro? Que *corredor* era aquele a que você se referia?

— Você não tem que saber disso. Como você chegou até lá? Você sabia o que era aquela casa?

Seus lábios estavam rosados e não brilhavam. Não brilhava até ela lambê-los e eu sentir reações indizíveis dentro das calças.

— Acabe com essa maldita escuta no meu celular agora. Você e seus homens não têm o direito de me ouvir.

Virou as costas para sair e eu a segurei pelo braço, fazendo seu cabelo chicotear meu rosto. Colocando minha boca próxima à dela, rugi entredentes:

— Se a senhorita investiga, nós ouvimos. Ou posso prendê-la por obstrução.

Nosso rosto estava próximo demais e aquela bendita boca carnuda me cegava. Tudo o que eu conseguia enxergar era a língua dela e só conseguia pensar era em fazer aquela língua brincar em outro lugar. Depois de muito tempo lutando contra aquilo, certo de que não havia qualquer obstáculo entre nós, me entreguei.

Passei a mão pelos cabelos de Simone e puxei sua cabeça de encontro à minha. Colei meus lábios nos dela e invadi com a língua, encostando seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo na pia e pressionando com o meu, excitado e quente. As mãos de Simone, apoiadas em meu peito, fizeram força para me empurrar, mas tudo não pareceu mais do que um suave carinho. Desci o contato pela lateral de seu corpo e levantei suas pernas, fazendo-a sentar no mármore gelado da pia. Senti quando seus mamilos intumesceram e percebi que ela reagia bem à minha investida.

Eu estava rendido a ela novamente e a tomaria ali, na cozinha da casa dos pais. Beije-a com toda a fúria do meu ciúme, com todo o desejo do meu corpo, com todos os sentimentos que há tempos me dominavam. Eu a queria ali, naquele instante e o resto do mundo que se danasse.

Depois, e só bem depois que ela estivesse satisfeita, eu me permitiria pensar nas consequências daquilo. Minhas mãos trilharam os caminhos de seu corpo e cheguei a levantar a blusa de Simone para tocar seus mamilos, puxando-os

suavemente só para sentir ela gemer uma vez. Me preparei para despi-la, mas o barulho de estilhaço nos despertou e os cacos da xícara no chão me lembraram dos perigos de me envolver novamente com a Simone.

Respirando pesadamente, me afastei, deixando-a sentada na pia igualmente ofegante.

— Esse beijo não me lembrou de nada, doutora — falei e saí da casa, batendo a porta e subindo na moto, que roncou alto demais. Acelerei, sentindo o vento frio arrepiar meu cabelo.

Pouco tempo depois, Esquilo me ligou.

— Puma? — perguntou quando atendi com a voz ríspida. — Aconteceu alguma coisa?

— A Simone está disposta a seguir em frente com a farsa e casar com o *juizinho*.

— Você beijou a Rainha, irmão?

Fiquei em silêncio.

— Talvez devêssemos conversar a sério com ela

PERIGOSAS NACIONAIS

e juntar informações.

— Ela tem que sair dessa lama, Esquilo.

— Para mim, parece que ela está afundando cada vez mais. A Rainha vai tomar posse no MP, irmão. Parece que ela decidiu seguir carreira na Criminal e abandonar os Cíveis.

Suspirei.

— Eu preciso ficar longe dela, Esquilo. *'Tá* difícil demais segurar.

— Puma? — Ele me chamou novamente. — Acho que você precisa de uma dose.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

Ela usava um vestido rosado esvoaçante, que empurrava os seios para o alto e fazia seu busto parecer um volumoso par de montanhas. O cabelo estava solto, encaracolado, e escorria pelas costas e pelos ombros. Seus olhos, bem marcados pelo lápis preto, eram expressivos e diziam muito mais do que a marcha nupcial que tocava no fundo.

Batom vermelho...

Uma coroa dourada estava colocada sobre sua cabeça e dela descia um véu quase transparente, que cobria seu rosto, mas não escondia nada.

Simone parou sobre um pequeno tablado e levou a mão à lateral do vestido, puxando um zíper discreto para baixo, soltando apenas a parte que lhe apertava os seios. Não era justo no resto

do corpo e ela o tirou sem qualquer dificuldade, chutando-o delicadamente para o lado.

Sapatos vermelhos de bico fino...

Um espartilho branco manteve os seios empinados e descia, fazendo o formato do corpo dela, até as coxas, onde unia-se a uma meia igualmente branca. A calcinha era vermelha, provavelmente para destacar-se naquela roupa, como um alvo para tiros certos.

Delicadamente, desceu dos sapatos e sorriu travessa. Seu olhar era uma fogueira capaz de incendiar uma cidade inteira.

Descendo a mão pelos lados do corpo, ela parou na presilha das meias e soltou-as, uma a uma, em um ritmo lento. Empinando a bunda, desceu as meias no mesmo ritmo, enrolando-as e tirando-as pelos pés e subindo com as mãos pelas pernas.

O espartilho era recheado de botões, os quais

ela abriu também em ritmo moroso, sempre mostrando sua sensualidade aflorada.

Parada somente com a calcinha, desceu a mão pelas curvas de seu abdômen até coloca-la dentro da peça e estimular a si mesma, fechando os olhos pela primeira vez.

Eu assisti a tudo inerte, amarrado a uma cadeira. Sem poder tocá-la, assisti quando alguém se aproximou e ajoelhou à sua frente, inspirando o prazer dela e acariciando as pernas até deixa-la absolutamente nua. Ela sorriu maliciosamente e o homem posicionou-se entre suas pernas.

— Não! — eu gritei, sacudindo na cadeira para tentar me desvencilhar das amarras.

Ela me olhou e arqueou as sobrancelhas, rebolando de encontro àquele que inebriava-se de seu prazer. Tombando a cabeça para trás, apertou os bicos dos seios e encheu as mãos

com os mamilos intumescidos.

Eu estava agonizado e ela gemia cada vez mais alto. O homem seguia servindo-se de um sabor que deveria ser só meu e levando à loucura uma mulher que deveria ser minha.

Quando percebi que ela gozaria, o homem levantou.

Maurício.

Segurando-a pela cintura, puxou uma das pernas de Simone para o alto e penetrou-a com força, afundando a cabeça no pescoço dela enquanto rebolava ensandecido.

— Não! — eu gritei de novo. Só que minha voz foi abafada pelo grito de satisfação dos dois.

— Puma? Puma? — Esquilo me sacudia. — 'Tá doido, irmão? Acorda, porra!

Dei um pulo do sofá, passei a mão na *Glock* que guardava na almofada e apontei para o meu companheiro. Ele levantou as mãos e disse meu
PERIGOSAS ACHERON

nome, pegando sua própria arma e apontando para mim:

— Paulo, acorda. Sou eu, o Esquilo.

Nos encaramos por um tempo, até que minha respiração normalizasse. Quando percebeu que eu começava a recobrar os sentidos, ele mostrou a arma e a abaixou, colocando-a na enorme mesa de centro. Fiz o mesmo e pedi desculpas a ele um tanto gago.

— O que houve, cacete?

— Nada — respondi. — Vamos voltar naquela mansão. Precisamos descobrir o que houve com o corredor da mansão e...

Olhei em volta. Eu estava em um apartamento grande demais, elegante demais.

— Onde eu 'tô?

— Minha casa.

— Esquilo, de onde sai essa grana?

Ele puxou o ar com força e meus olhos foram

atraídos para uma coleção de prêmios em cima de um aparador de canto.

— Sou campeão de tênis de mesa.

— Pingue-pongue?

Ele deu de ombros e eu ri.

— Tem café na cozinha. Eu e o Esquilo achamos que os moleques abriram o bico.

— Não foram eles.

— Os cabeças descobriram de alguma forma, Puma. Só podem ter sido eles.

— Foi alguém do escritório. A Viviane?

O telefone do Esquilo tocou e ele usou o viva-voz para que eu ouvisse o Palito.

— A escuta da Rainha *'tá* ligada, Esquilo?

— O celular *'tá* desligado ainda.

— Ela foi levada de novo? — rosnei.

— Não, Puma. Acho que ela não vai ligar de novo.

Peguei o meu telefone e liguei para o Tigro,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

querendo saber se estava na porta da Simone. Ela havia saído logo depois de mim. Agradei e desliguei, voltando a conversar com os colegas da operação.

— Ela sumiu mais uma vez, é isso?

— Acho que, dessa vez, ela quis sumir — Palito falou.

— E o *juizinho*?

— Não sei.

— Palito, quero você na cola do *juizinho* até encontrarmos a Simone. Quero escuta no celular dele também.

Não demorou para o Tigro retornar a ligação.

— A sua dama voltou.

— Ok, irmão. Agradeço.

— Garoto? — ele me chamou.

— O quê?

— Ela voltou penteada, maquiada e trouxe um vestido de noiva...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

Aquele domingo era um dia infernal. Um dia lindo de primavera. Um maldito lindo dia de clima ameno, sol fresco e flores desabrochando. E eu estava a um passo de perdê-la para sempre.

A raiva que eu sentia esquentava meu rosto e o terno que deveria usar não ajudava em nada.

Para ser muito sincero, eu sabia que não ia conseguir seguir com aquilo. Quando o celebrante perguntasse se alguém se opunha àquela palhaçada, não conteria o grito. Seria o *não* mais eloquente de toda a maldita história dos casamentos católicos.

Como eu poderia aceitar perdê-la?

Mas eu seria o melhor para ela?

Dane-se o melhor para ela, pensei, assumindo todo o egoísmo de quem daria a vida por aquela mulher.

Aquele mauricinho poderia até trazer proteção a ela, mas nunca, jamais a amaria como eu.

Olhando o reflexo, quis quebrar o espelho. Respirei fundo e pensei em todas as pessoas que eu poderia salvar, todas as pessoas que a operação pretendia salvar.

— Divórcio — falei para o pinguim que me encarava.

Uma hora depois, eu cheguei na Igreja. Maurício e o pai estavam no altar. A mãe de Simone, parada na porta. Meia hora, 45 minutos, 1 hora e nada da noiva. Percebi que ela começava a ficar nervosa e me aproximei.

— Está tudo bem, senhora?

— Simone não quer vir. Se recusa a sair do carro. Meu marido está lá fora falando com ela, mas eu não acho que ela ame o juiz — cochichou, me encarando, esperando que eu confessasse alguma coisa. — Ela não quer casar com *ele*.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entendo — cochichei.

— As pessoas devem casar com quem amam, meu jovem, mas isso depende de coragem. Para casar com quem amamos é preciso mais coragem do que pra nos unirmos a quem não amamos.

Franzi o cenho e ela abanou com a mão, soltando o ar resignada. Depois, deixou os ombros caírem. Dentro dos bolsos, eu enterrei as unhas na palma das mãos para conter o nervosismo.

Olhei para Maurício, que sorria alheio ao atraso — disfarçando ou tentando se convencer de que não passava de charme de noiva.

A porta da Igreja fechou abruptamente. Duas cornetas ecoaram e caminhei para o meu lugar — pelo meio da nave, como se fosse o noivo. Parei ao lado de uma pilastra, bem de frente para a porta e vi quando ela abriu.

Simone estava linda.

Linda.

PERIGOSAS ACHERON

Maravilhosa.

Posso dizer com a certeza de quem teve o coração quebrado que não havia mais ninguém ali além da mulher que eu amo indo casar com outro.

Caminhando com a suavidade de uma pessoa delicada, usava um tom bege que escondia seu pecado. Era ela, meu anjo caído, que vinha a passos lentos na minha direção. Quando chegou a poucos metros do altar, dei um passo para recebê-la, saindo do esconderijo na pilastra. Eu, que nem era o noivo, quis receber a noiva.

— Cervantes? — o pai dela disse, puxando a filha para trás dele e impedindo que o Maurício segurasse sua mão.

A Igreja ecoou o espanto dos convidados.

— Não, senhor Luis — o *juizinho* falou. — Este é Carlos, meu pai.

Olhei de um para o outro e notei um estranho sorriso no futuro sogro de Simone. O pai dela não

se fez de rogado. Olhou para a filha e disse:

— Com essa família, você não casa.

Arrastando-a para fora da Igreja seguido pela mulher, o homem humilde mancava a passos firmes e ao som de burburinhos. Eu quis sorrir, assumo, mas a semente de dúvida plantada pelo senhor Luís me impediu.

Então, o doutor Carlos era o Cervantes.

Mas como o pai da Simone sabia disso?

PERIGOSAS NACIONAIS

Acompanhe o final dessa emocionante história...



PERIGOSAS ACHERON